

PAJÉS, BENZEDORES, PUXADORES E PARTEIRAS

OS IMPRESCINDÍVEIS
SACERDOTES DO POVO
NA AMAZÔNIA



UFOPA
2016

Presidenta da República

Presidenta: Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Aloizio Mercadante Oliva

Secretário de Educação Superior

Jesualdo Pereira Farias

**Universidade Federal do Oeste
do Pará**

Reitora

Raimunda Nonata Monteiro

Vice-Reitor

Anselmo Alencar Colares

Pró-Reitor da Comunidade Cultura e
Extensão

Thiago Almeida Vieira

**Programa de Extensão Patrimônio
Cultural na Amazônia**

Coordenadora

Luciana Gonçalves de Carvalho

Vice-Coordenador

Florêncio Almeida Vaz Filho

**Rádio Emissora de Educação Rural
de Santarém**

Diretor

Pe. Auricélio Paulino da Silva

Programa A Hora do Xibé

Coordenador

Florêncio Almeida Vaz Filho

Apresentadores

Ailson Melo da Silva

Eloane Janay dos Santos Picanço

Fabiana Almeida Costa

Jaime Mota Santos

Luana da Silva Cardoso

Selma Lira Corrêa

Veraneize Sousa dos Anjos

Florêncio Almeida Vaz Filho



Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

**PAJÉS,
BENZEDORES,
PUXADORES
E PARTEIRAS**

OS IMPRESCINDÍVEIS
SACERDOTES DO POVO
NA AMAZÔNIA

UFOPA
2016

Ficha técnica

Edição e texto

Florêncio Almeida Vaz Filho

Assistentes de edição

Eloane Janay dos Santos Picanço

(bolsista Cultura/Ufopa 2016)

Fabiana Almeida Costa (bolsista Proext/
MEC 2015-16)

Jaime Mota Santos (bolsista

Proext/2015-16)

Luana da Silva Cardoso (bolsista

Cultura/Ufopa 2016)

Selma Lira Corrêa (bolsista Proext/MEC
2015-16)

Colaboradores

Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa

João Antônio Tapajós

Revisão de texto

Fernanda Silveira

Ilustração

Katia Patrícia dos Santos

Paulo Botelho

Fotografia

Florêncio Almeida Vaz Filho

Projeto gráfico editorial e diagramação

Avellar e Duarte Serviços Culturais



SUMÁRIO

PARTE I: INTRODUÇÃO

Pajés, benzedores, puxadores e parteiras no baixo Amazonas

Pajés de ontem e de hoje

Pajelança e reorganização étnica indígena

Uma reflexão mais ampla sobre a pajelança

A teimosia da pajelança

PARTE II: RELATOS

Laurelino, o “pajé do Tapajós”

Dona Maria Santana, a parteira que viajou pelo fundo

Pedrinho, um poderoso pajé nos dias atuais

Paulinho Borarí

Valda Oliveira de Sousa, o aprendizado passo a passo

Dona Margarida, a parteira de gêmeos

Fabiana de Almeida Costa, a ocasião faz a parteira

Nice, vocação de puxadeira

Dona Raimunda Pereira, o dom de rezar mesmo contra a vontade,

Dona Maria Pereira recebeu o dom direto da mãe

Seu Zormar Pedroso e as orações roubadas

Seu Galdino Castro, o sonho e o paneiro diferente

Seu Martinho Oliveira, gente que sabe oração

Dona Matica, a mulher que partejou no encanto

Maria Gracineide da Silva, quem tem dom e não quer trabalhar,

tem que endireitar

Dona Luiza Menezes, a dama predileta dos botos

SOBRE OS AUTORES

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

O Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (Pepca) foi criado na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) em 2010, com o objetivo de atender à crescente demanda por agentes capacitados para desenvolverem ações de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural na região do Baixo Amazonas. Por meio de diferentes projetos, o programa tem se dedicado, sobretudo, à produção, à documentação e à difusão de conhecimentos sobre expressões culturais valorizadas como marcadores da identidade regional, especialmente quando associadas aos modos de vida de *comunidades* tradicionais.

O Pepca estrutura-se em duas frentes de trabalho – uma de pesquisa e outra de gestão do patrimônio, que se entrecruzam e se comunicam na execução de investigações etnográficas e experiências práticas junto a

diferentes agentes e grupos sociais no contexto regional. As atividades do programa privilegiam metodologias validadas nas principais esferas públicas de pesquisa, formulação e implantação de estudos e políticas públicas de patrimônio cultural no Brasil, articulando-as com instrumentos de salvaguarda de direitos culturais, territoriais e socioambientais das *comunidades* locais, em vista da íntima associação entre sua produção cultural e os modos de se relacionar com o meio.

Desde sua implantação o programa tem reunido professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento e níveis de formação, atentando para a interdisciplinaridade com que seu objeto exige ser tratado. O apoio financeiro concedido pelo Proext/MEC desde o início das atividades tem permitido o desenvolvimento de vários projetos caracterizados por metas, métodos e abordagens teóricas diferenciadas, conforme as realidades e os problemas específicos enfocados em cada localidade de atuação. Todas as ações convergem para o tema amplo do patrimônio cultural, entendido como o conjunto de bens, processos, práticas e expressões tomadas como referências culturais pelos grupos sociais na região, enfatizando-se a interface daqueles com seu patrimônio natural e seus direitos coletivos.

Em 2013 o Pepca estabeleceu parceria com o projeto extensionista *A Hora do Xibé*, o qual se dedica à difusão de histórias, receitas, memórias e conhecimentos de indivíduos e grupos da região em um programa radiofônico homônimo, veiculado regularmente pela Rádio Rural de Santarém, desde o ano de 2007. Dessa parceria surgiu uma primeira publicação, intitulada *Isso tudo é encantado*, que consistiu na seleção de histórias maravi-

lhosas/assombrosas – ou histórias de encantos, em termos regionais, que não deixam de ser percebidas como histórias reais – previamente gravadas para o programa de rádio.

Valorizando o universo narrativo das populações ribeirinhas, indígenas e quilombolas do Baixo Amazonas, este segundo livro segue os passos do primeiro e vai além. Por meio de um belo repertório de narrativas de pajés, benzedores, puxadores e parteiras, ele não só dá visibilidade a “invisíveis e imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia”, como também revela a riqueza das cosmologias locais e suas emblemáticas formas de representar as relações entre os homens e os seres da natureza e de outros mundos, os trânsitos entre espaços e estados sociais diferenciados.

Enfim, de maneira simples e acessível, mas sem abrir mão do rigor da teoria e da reflexão antropológica, este livro editado pelo Prof. Florêncio Almeida Vaz Filho e sua equipe tem tudo para renovar o interesse nos estudos sobre a pajelança na Amazônia. Unindo passado e presente, *Pajés, benzedores, puxadores e parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia* é um documento contemporâneo das tradições orais amazônicas, que merece atenção tanto de pesquisadores e acadêmicos, quanto dos leitores em geral, interessados nas histórias do povo da região.

Luciana Gonçalves de Carvalho

Coordenadora do Pepca

PARTE I: INTRODUÇÃO

Florêncio Almeida Vaz Filho

Professor no Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA/Ufopa)

Coordenador do Projeto de Extensão A Hora do Xibé (PEPCA/Ufopa)

Se na região do baixo Amazonas os elementos que compõem fisicamente uma aldeia indígena ou uma *comunidade*¹ quilombola ou ribeirinha é, no mínimo, igreja, campo de futebol, barracão comunitário e escola, é verdade também que não tem há um(a) pajé ou *benzedor* (*benzedeira*) ou *puxado* (*puxadeira*), não é uma *comunidade*. E se o especialista for mulher, quase sempre terá também conhecimentos para atuar como

¹ A palavra *comunidade* é um termo nativo, por isso o uso de itálico. O termo denomina os povoados do baixo Amazonas e é fruto do trabalho da catequese rural da Prelazia de Santarém, a partir da década de 1950. Hoje, todos os vilarejos ribeirinhos e as margens das rodovias se autodenominam *comunidades*. Uma *comunidade* é a reunião efetiva de um grupo de famílias que vivem próximas umas das outras na zona rural, realizando cultos religiosos semanais, festas, trabalhos e outras atividades coletivas, coordenadas por líderes eleitos entre seus membros. A partir dos anos 1990, quando os moradores passaram a *assumir-se* como indígenas, eles substituíram o termo *comunidade* por *aldeia* (VAZ FILHO, 2010).

parteira. São pessoas comuns, que trabalham e vivem de forma humilde como os demais moradores. Porém, essa simplicidade esconde sua enorme importância na vida dessas sociedades. Elas são especiais e imprescindíveis por terem reconhecidamente o *dom* de curar² e trazer de volta a harmonia no corpo e na alma.

No livro *Isso tudo é encantado*, publicação anterior do Projeto de Extensão A Hora do Xibé (CARVALHO; VAZ FILHO, 2013), já afirmamos que não se pode falar das cosmologias dos povos que vivem nesta região sem falar da importância que os pajés ou *curadores* têm na manutenção da ordem espiritual e material. Como a pajelança constitui o sistema pelo qual os indígenas e ribeirinhos interpretam e agem no mundo, esses sacerdotes e sacerdotisas do povo se fazem necessários sempre que ocorrem desarranjos. É a hora de defumar, benzer, *costurar*, *puxar* os ossos para seu lugar etc.

Neste livro vamos tratar da vocação, da missão e do ofício dos pajés, *benzedores* (*benzedeiras*), *puxadores* (*puxadeiras*) e parteiras. Quem são essas pessoas? Qualquer um que queira pode ser pajé? Se não há escolas de formação institucionalizadas, como esses especialistas são preparados,

² Segundo o entendimento local e a visão de estudiosos (por exemplo, GALVÃO, 1976; MAUÉS, 1995; CAVALCANTE, 2008) o *dom* é uma predisposição sobrenatural que apenas algumas pessoas trazem do ventre materno (por isso se diz *dom de nascença*) para ser pajé, *benzedor*, *puxador* ou parteira. O *dom* demonstra seus indícios e é reconhecido socialmente. Quem o possui é capaz de chorar já antes de nascer, é uma criança "diferente" e um jovem cheio de perturbações, até o momento de assumir sua missão. O *dom* é algo profundo e determinante para a vida e a identidade do escolhido. Ninguém pode ser indiferente ou fugir do seu *dom*. É dado por Deus e deve ser exercido em favor do bem estar das demais pessoas. O *dom* é a condição fundamental para o aprendizado e o exercício da pajelança.

treinados e testados na sua competência? Como ocorre a legitimação social de um pajé? Apontaremos respostas a essas questões, mas vamos fazer isso a partir dos casos de pessoas reconhecidas como portadoras desse *dom* e que vivem na região do baixo Amazonas. Vamos conhecê-las a partir das próprias falas, com depoimentos colhidos no âmbito do Projeto de Extensão A Hora do Xibé e de outras pesquisas.

O programa de rádio do Projeto de Extensão A Hora do Xibé é um canal privilegiado de divulgação desses relatos. Os ouvintes gostam de ouvir as histórias contadas por pessoas da própria região, em linguagem própria e do seu jeito. A maioria dos relatos selecionados neste livro foram gravados por pessoas que sabiam que sua voz seria ouvida por milhares de outras pessoas através das ondas da Rádio Rural de Santarém. As exceções são os pajés Laurelino e Pedrinho, e os senhoras Geralda Sousa da Costa, Maria Gracineide da Silva e Luiza Menezes, cujos depoimentos foram coletados dentro de outros projetos de pesquisa, e mesmo assim foram divulgados no programa de rádio A Hora do Xibé.

Como não é nossa intenção aqui fazer uma análise teórica mais profunda, relataremos nesta Introdução apenas uma contextualização do tema, de modo a facilitar ao leitor uma adequada compreensão do fenômeno e dos relatos que virão a seguir.

A PAJELANÇA NO BAIXO AMAZONAS

Os indígenas³ fazem questão de enfatizar que possuem *pajés*⁴ nas suas aldeias, mas os demais moradores das *comunidades* no baixo Amazonas preferem falar *curadores*, e é assim que muitos pajés se autodenotificam. A palavra *curador*, apesar de ter o mesmo significado que pajé quanto à modalidade de *trabalho* realizada, parece ser menos pejorativa, e por isso é mais aceita como denominação. Negar que se é pajé pode ser um esforço para não assumir o papel negativo localmente associado ao termo: pessoa potencialmente má, suspeita de praticar feitiçaria (*fazer macumba* ou *malineza*) ou associada a algo diabólico. Esse sentido negativo do termo tem uma longa história.

A palavra “pajé” foi documentada entre os Tupinambá do litoral do Brasil desde o século XVI, e era usada para descrever os líderes e especialistas religiosos chamados pelos cronistas de “feiticeiros”. No século XVIII, os indígenas na Amazônia, inclusive no baixo rio Tapajós, se referiam aos seus “médicos” ou “mezinheiros” como pajés também. É provável que a palavra tenha sido formada a partir da raiz *pa-y*, profeta ou adivinho (BOTELHO; COSTA, 2006). Atualmente no baixo Amazonas a palavra é usada para se

³ Falamos especificamente dos povos indígenas que vivem nas aldeias e terras indígenas no baixo rio Tapajós (Arapium, Apiaká, Cara-preta, Arara-vermelha, Kumaruara, Tupinambá, Maytapu, Munduruku, Tapajó, Tupaiú, Borari e Jaraki), sem incluir os Munduruku que vivem no médio e alto rio Tapajós, os povos que vivem na região do rio Trombetas e outros povos cujas cosmologias são bem específicas.

⁴ A palavra “pajé” é de origem Tupi, mas hoje está incorporado ao português e é usada em todo o Brasil, por essa razão a usaremos nesta publicação sem destaque.

referir à pessoa que é reconhecida como tendo poderes sobrenaturais para curar, por meio dos *encantados* e de remédios feitos com produtos da floresta. Os pajés podem também prever se o paciente tem cura ou não.

O componente de humildade também explica a recusa do termo pajé, pois a humildade é um traço muito comum nessas pessoas. Geralmente têm poucos anos de estudos formais, falam mansamente, moram em casas simples e vestem-se da mesma forma que os demais moradores. Os pajés dizem que são *curadores*, pois se acredita que pajés são mais poderosos, aqueles dos *tempos antigos*, como Merandolino do rio Arapiuns ou Laurelino de Takuara, no rio Tapajós. Afirma-se não existir atualmente poderosos pajés como antes: “Os antigos tinham mais força do que nós”, foi o que disse o *curador* Sandoval Caetano, de Pinhel. Pode ser pura modéstia.

Os pajés, *benzadores* e *puxadores* costumam ser bem discretos, e não apregoam ou oferecem seus serviços, os outros é que os procuram. Eles não dizem que curam, mas que Deus e a fé curam. Ao perguntarmos se uma pessoa benze, ela pode responder que apenas conhece “umas orações”. Ao notar que o problema é mais sério, que ele não consegue resolver, o *benzador* pede que o doente procure imediatamente um bom pajé ou médico. Ao contrário dos médicos que diante de um caso que não conseguem resolver dificilmente pedem ao paciente que procure um pajé, *benzador* ou *puxador*, eles reconhecem com tranquilidade seus limites e dizem: “isso não é para mim, é para médico”.

Alguns pajés preferem ser chamados de *benzedores*, ainda que tenham passado por um processo de iniciação típico dos *curadores* e que *incorporem* os espíritos chamados de *bichos*, *encantados*⁵ ou *guias*, ou com eles se comuniquem mediante sonhos ou de outra forma. Mas os *benzedores* ou *rezadores* são diferentes dos pajés, pois constituem uma categoria específica de agentes do que chamamos de sistema da pajelança, que outros pesquisadores incluem no que denominam catolicismo popular (COSTA, 2014).

As *benzedoras* — mais que os *benzedores* — tem uma longa história na região. Já no período colonial, a prática de benzer, curar e partejar era exercida por mulheres que tratavam principalmente de outras mulheres, em um mundo onde os médicos eram raríssimos. Suspeitas ou acusadas de curandeirismo e magia, essas mulheres sofriam perseguição tanto pelos inquisidores do Santo Ofício da igreja católica, como pelas autoridades civis (DEL PRIORE, 2009). Tal perseguição era injusta, uma vez que, para ajudar os outros, apesar das suas limitações materiais, elas se utilizavam sim de refinados conhecimentos de medicina relativos à ortopedia, ginecologia e psicologia, entre outros (SOUSA; FREITAS, 2011)

⁵ *Encantados* são seres invisíveis que vivem em dimensões inferiores à superfície da terra e das águas, e por isso são chamados também de *encantados do fundo*. Mesmo que os indígenas e moradores afirmem que os *encantados* são cobras, botos, jacarés, puraqués etc. (por isso são chamados também de *bichos*), os *encantados* podem tomar qualquer forma, inclusive de homem e mulher, para se mostrarem aos humanos em determinadas ocasiões. Sua manifestação mais comum aos humanos se dá através dos *curadores*, nos momentos de incorporação.

Benedores têm o *dom da cura*, como os pajés, e no interior da Amazônia eles conhecem bem a ação dos *encantados*, mas seu trabalho é com *oração* ou *reza*, sem *incorporação*. *Benedores* são procurados para resolver problemas como: quebranto, mau olhado, *panema*⁶ *rasgadura*, *espinhela caída*, *ezipla* (erisipela), *assombrado*, manifestação de espírito mau etc. Os casos mais exigentes ou *pesados*, eles encaminham para os *curadores* ou para os médicos. Mesmo que não atuem com a incorporação de *encantados*, que peçam ajuda explícita aos santos católicos e rezem o pai-nosso e a ave-maria, sobre os *benedores* e *benedeiras* paira sempre uma suspeita de que sejam, de alguma forma, ligados à feitiçaria e às artes diabólicas. Mormente na visão de cristãos de linha neopentecostal.

O que é específico dos pajés são a conexão direta e a mediação que fazem entre os *encantados* e os humanos. Eles são uma espécie de ponte entre as pessoas e os *encantados*. Em geral, *trabalham* com a incorporação dessas entidades durante as sessões de cura, quando seguem um roteiro que envolve cantos, maracá, fumo do cigarro *tauari*, defumação dos dentes, ingestão de alguma bebida e, eventualmente, sucção para retirar do corpo do enfermo o objeto causador da doença.

É nesse contexto que ele incorpora os *encantados*, com quem as pessoas podem conversar e até rir de chistes e fatos corriqueiros.

⁶ Espécie de enfermidade espiritual que deixa a pessoa sem sorte, principalmente na caça e na pesca. Os instrumentos de caça e pesca podem ficar *empanados*. Uma pessoa pode ficar *panema* também nos negócios e até no amor. A *panema* pode ser provocada pela ação de outras pessoas, mesmo que não tenham tido a intenção.

Por intermédio do pajé, os espíritos repreendem as pessoas por terem ofendido regras de respeito à natureza, aconselham-nas a bem proceder para evitar serem molestadas, dizem o que fazer para se curar de males e fazem as prescrições do tratamento. Os espíritos curam através da sua incorporação no pajé. Como veremos no caso do pajé Laurelino de Takuara, um pajé pode até dispensar a incorporação, temendo a condenação social, sem que deixe de manter a comunicação com os *encantados*.

Já os *puxadores (puxadeiras)* massageiam partes machucadas do corpo em caso de torções, distensões musculares, problemas nas articulações, contusões e luxações — as conhecidas *dismintiduras*.⁷ São eles que colocam os ossos “no lugar” em pessoas que se machucaram, por exemplo, em uma queda durante o trabalho ou em um jogo de futebol. Os *puxadores (puxadeiras)* também atendem mulheres grávidas, *ajeitando* a criança. Assim como ocorre com os pajés, determinados *benzedores* e *puxadores* são considerados melhores que outros pelos moradores.

Pode acontecer de um pajé seja também *benzedor* e vice-versa. Um *benzedor* pode ser *puxador* também. E um *puxador* pode até ser um *benzedor*, mas raramente ele atua como pajé. Pois a arte do *puxador* parece estar relacionada a problemas que não tem o sobrenatural como causa, algo mais prático relacionado a ossos, músculos e nervos machucados. Tanto que os relatos apresentados mostram como *puxadores* aprenderam

⁷ Ossos machucados ou “fora do lugar”. Os *puxadores* repõem os ossos no seu lugar.

a técnica treinando, sob a orientação de um especialista, em talas quebradas ou em pequenos animais com os ossos fora do lugar.

Já pajés e *benzedores* não falarão que aprenderam treinando, mas sim que receberam, por inspiração direta ou em sonho, orações, cânticos, receitas de remédios e instruções do que deveriam fazer. Mas *puxadores* e *parteiras* não estão fora da lógica do *dom* (dádiva divina, gratuidade, caridade etc.) e da pajelança, mesmo que dependam mais de uma iniciação prática do que de uma inclinação sobrenatural. Se não tivessem o *dom*, não haveria treino que desse jeito, pois não se trata apenas de técnica. É o *dom* que comanda a aprendizagem e o ofício de *pajés*, *benzedores*, *puxadores* e *parteiras*.

As *parteiras* são também pessoas simples, mulheres com poucos anos de estudo ou, no caso das mais idosas, analfabetas, como ocorre com dona Maria Santana, do rio Arapiuns, cujo relato veremos adiante. Elas aprenderam seus saberes na prática (FERREIRA; FREITAS, 2011) com a mãe ou a avó, que por sua vez devem ter recebido da mãe também. Pela sua sabedoria, habilidade e capacidade de preparar, confortar e encorajar as mulheres antes e durante o parto são consideradas pessoas muito especiais para as famílias do interior. Por força do ofício, *parteiras* são também *puxadeiras*, pois precisam *endireitar* o bebê na posição certa para a hora do nascimento. Conhecem receitas de remédios feitos de raízes, cascas e ervas; orações a santos e outros segredos para garantir um bom parto a suas parturientes.

Se ainda são comuns nas áreas rurais, nas cidades as parteiras praticamente desapareceram. Com o avanço da medicina científica e hospitalar, a atuação de médicos e a “indústria” de partos por cirurgia cesariana, as parteiras se tornaram desnecessárias. O que é uma lástima, uma vez que nesses momentos críticos da vida as grávidas precisam muito do apoio psicológico, espiritual e de toda a segurança que antes eram as parteiras tradicionais que garantiam. Sem elas, na hora do parto resta medo, desespero e solidão.

Mesmo que *puxadores* e parteiras lidem mais diretamente com conhecimentos técnicos e práticos, resultado de sistemático aprendizado, podemos incluí-los na categoria de pajés. Afinal, como já afirmado, essas pessoas estão envolvidas na mesma lógica da pajelança: o *dom* é o fundamento do serviço; a saúde e a harmonia do corpo dependem da harmonia espiritual; a obrigação de fazer o bem sem esperar pagamento, não negar atendimento etc. Eles atuam de forma complementar ao trabalho dos pajés da linha da incorporação e da comunicação direta com os *encantados*.

Puxadores e parteiras normalmente são também *benzedores*, e devem conhecer muitas orações dirigidas a Deus, aos santos católicos, às almas e aos *encantados*. Sobre as parteiras, ainda que seu ofício não esteja voltado para a ação dos *encantados*, elas não podem ignorar que é preciso ter muito cuidado com eles para evitar que tenham qualquer influência na formação da criança. O relato “Dona Matica, a mulher que partejou no encanto”, de Geralda Sousa da Costa, muito difundido na região com pequenas variações de lugar para lugar, mostra como o mundo dos *encantados* não

é tão estranho às parteiras. E há parteiras que são pajés e atuam com a incorporação. Isto é, mesmo *puxadores* e parteiras são um pouco pajés, pois atuam sob a mesma lógica. Por isso, aqui trataremos pelo termo geral de pajés, incluindo *benzedores*, *puxadores*, parteiras e os próprios pajés.

Os pajés estão muito presentes na memória dos moradores. Fala-se de poderosos *curadores* em períodos antigos. Seu poder era tanto para a *cura* dos doentes como para *fazer o mal*, principalmente a quem os desagradasse. Essa ambiguidade dos *curadores* persiste fortemente na memória dos moradores. De todo modo, aqueles antigos pajés proporcionavam uma relação pessoal e dialogal muito próxima entre os moradores e os *bichos*. Na prática, observa-se que mesmo nos dias de hoje continuam existindo pajés que são considerados poderosos, e que a versão de que os pajés bons eram aqueles do passado é mais um recurso para referendar o poder dos pajés de hoje, uma vez que todos se dizem, de alguma forma, herdeiros dos antigos e poderosos pajés como Merandolino e Laurelino, por exemplo.

Uma evidência de que a figura do pajé é simbolicamente importante é o destaque que ela recebe nos *cordões de pássaros* e nos *festivais folclóricos*, espécie de óperas populares que ocorrem em praticamente todas as cidades e vilarejos da região amazônica, sendo os mais famosos o Boi de Parintins (AM), as Tribos de Juruti e os Botos de Alter do Chão (PA).⁸ Nessas apresentações torna-se visível a percepção que os participantes

⁸ Festivais, o resgate da cultura amazônica. *Amazon View*, Manaus (AM), ano XI, edição 87, p. 8-12, 2008.

têm sobre a atuação dos pajés que, de tão poderosos, chegam até a ressuscitar animais mortos pelo homem. Os *cordões* e os *festivais folclóricos* reforçam a ideia de que o pajé é um elemento fundamental na cultura e na identidade indígena e ribeirinha (NOGUEIRA, 2008).

Resultado dessa relação pessoal dos moradores com os *bichos* ou *encantados* é que cada um deles tem um nome, associado ao seu lugar de moradia. Por exemplo, os moradores de Pinhel, no rio Tapajós, acreditam que o *encantado* que vive no igarapé do lugar é chamado Eduardo; os indígenas da aldeia Lago da Praia, no rio Arapiuns, chamam de Jurueno ao boto que vive nas águas próximas; os moradores de Nova Pedreira, Coroca e Vista Alegre, no baixo Arapiuns, chamam de Pretinho o *dono* da Ponta do Caraipé (CARVALHO, 2011) etc.

Um *bicho* ter um nome próprio, que os humanos usam para referi-lo, ou até conversar com ele, é herança dos antigos pajés, que traziam esses espíritos para conversar com os moradores durante as sessões de pajelança. Ainda hoje nas sessões de cura, diante do doente, os *encantados* falam com os moradores, inclusive explicam que tiveram que *malinar* de alguém pelo fato de ter desrespeitado conhecidas regras na relação com a natureza e os horários, por exemplo.

Como vemos, a relação dialógica entre humanos e *encantados* prossegue nos dias atuais. As pessoas acreditam que podem entabular conversa com eles, admitindo que eles têm uma capacidade de entendimento, de escuta. Por exemplo, é comum que, ao sentir a aproximação de algo

estranho ou escutar o assovio de uma *matinta*, as pessoas digam, prontamente, algo como “Eu não tô mexendo contigo, não. Não mexe comigo! Passa no teu caminho!”. Um tratamento mal-educado ou ofensivo da pessoa para com o *bicho* pode provocar nele uma reação igual, *malinando* da pessoa. Por isso, é largamente sabido que não se deve falar alto, ofendendo um *bicho*. O melhor é calar, deixando-o passar ou *conversar* educadamente com ele, convivendo em harmonia. Por isso, os moradores sabem que precisam *pedir licença* antes de entrar nas águas de um lago ou igarapé, pois esses lugares tem seus *donos*.

Se a *malineza* dos *encantados* pode ser revertida pelos pajés, os casos de encantamento já são bem mais difíceis. Ser encantado e levado definitivamente para o *encante* é um dos grandes temores das pessoas. A maioria dos relatos sobre pessoas que foram encantadas trata de fatos ocorridos em tempos passados, mas os encantamentos ainda ocorrem. Um dos fatos mais intrigantes atribuídos aos *encantados* aconteceu na aldeia Aminã, no rio Arapiuns, onde uma menina de quatro anos desapareceu, no início da década de 2000. A menina, que *não era batizada*, saiu de casa sozinha e simplesmente desapareceu sem deixar rastros. O famoso *curador* Pedrinho de Curuá teria confirmado aos pais que a menina foi mesmo encantada.

Os indígenas daquela aldeia dizem que a menina, agora já moça, aparece em sonhos a familiares e amigos. Falam que ela levou uma amiga para passear pelo *fundo*, e esta afirmou que “lá tudo é bonito”. Os parentes esperam que a menina-moça volte um dia, como todos os parentes de

quem foi encantado esperam. Mas os relatos não contemplam casos reais de volta dessas pessoas. Todos comentam que é possível *quebrar o encanto* e trazer de volta as pessoas encantadas, mas para isso alguém deve realizar uma tarefa tão difícil e desafiadora que, no fim, não encontra um candidato disposto a cumpri-la.

Um fato bem mais recente envolvendo possível ação de *encantados*, segundo moradores da região, aconteceu nos dias 1º e 2 de abril de 2016, quando a estudante de 21 anos Brenda Letícia Rodrigues, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), se perdeu na Floresta Nacional do Tapajós, na altura do Km 72 da BR 163, durante uma aula prática do curso de Engenharia Florestal (LIMA, 2016). O surpreendente é que a estudante era monitora e já havia liderado o trabalho de outras equipes na mesma parte da floresta. Segundo seu relato, na tarde do dia 1º ela se afastou do grupo e, mesmo estando muito perto da trilha, não encontrou o caminho de volta. Ela disse: “Eu não sei o que aconteceu. [...] a floresta tem dessas coisas, *né?* São coisas que não tem explicação mesmo. O incrível é que, logo que eu me perdi, eu andava bastante e sempre parava no mesmo lugar, não importava o tanto que eu andasse, eu sempre voltava *pro* mesmo local.” Isso bastou para que os comentários dos moradores da vizinhança, de alguns estudantes universitários e até de jornalistas associassem imediatamente o fato à ação de curupira (CARDOSO, 2016).

Todos ficaram muito preocupados e apreensivos com o que poderia ter ocorrido com a jovem. Estudantes que participavam da aula prática

disseram que um curador de uma *comunidade* vizinha foi chamado ao local e ele falou, tranquilizando os familiares da estudante: “Não se preocupem. Ela está viva. E ela vai aparecer por ela mesma.” E foi exatamente o que aconteceu. Após passar a noite toda perdida, sem que a encontrassem os militares do 8º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), bombeiros e mateiros que faziam as buscas, ela reencontrou o caminho e apareceu na estrada um dia depois pela manhã. Para os estudantes indígenas que participaram da atividade o problema pode ter acontecido porque a equipe não *pediu licença* para entrar na mata naquele dia.

Voltemos ao assunto dos pajés. Ainda que se ressintam dos tempos em que pajés não podiam entrar na igreja, os atuais pajés quase sempre se dizem católicos. Gracinha Pedroso, de Pinhel, afirma ir regularmente à igreja, porque “é lá que nós *pega* a força de nosso Pai”. Ou seja, mesmo para quem tem como prática principal a pajelança, participar de cultos católicos e frequentar igreja são necessidades em favor do próprio trabalho de *curador*, já que, para os *curadores*, o que eles receberam foi uma missão de Deus, o mesmo Deus que é cultuado nas igrejas.

Esse discurso dos pajés é um esforço para mostrar que suas crenças e práticas da pajelança nada têm de diabólicas ou ligadas à feitiçaria, ao contrário do que costuma ser propalado. O fato de um pajé dizer que frequenta a igreja e até faz preces diante do altar é um sinal inequívoco desse esforço, no sentido de ressaltar que seu trabalho é ligado ao mesmo Deus dos católicos. Foi esse mesmo discurso que escutei do *curador* Laurelino,

em meados da década de 1990: os pajés são católicos, receberam um *dom de Deus* e o realizam conforme as regras prescritas pela doutrina católica.

Os *benzedores* e *curadores* atribuem a origem do seu *dom* a Deus de uma forma geral, e nas suas orações fazem referências a Jesus Cristo, Nossa Senhora e a santos católicos. Também dizem que seus conhecimentos estão ligados aos índios do passado, dos quais viria essa herança. O *dom* ligado à pajelança teria relação direta com os índios. Os *curadores* dizem que é algo que vem desde os *começos*, dos *antigos índios* do lugar, com os quais se mostram muito familiarizados.

Se tem sua origem nos *antigos índios*, a pajelança, já influenciada pelo catolicismo, parece cada vez mais sofrer influência de cultos africanos pelo frequente contato dos moradores com *pais e mães de santo* das cidades, para onde acorrem em busca de cura nos casos mais difíceis. Isso se torna perceptível quando moradores que com eles se trataram se referem com muita familiaridade a Iemanjá, Mariana, Zé Pelintra, Maria Padilha e outras entidades do candomblé e da umbanda. Ao retornarem aos seus povoados colocam orixás e *caboclos* junto aos *encantados*, como Noratinho Cobra Grande, os índios Juraci e Tupinambá, Seu Rompe Mato etc. Sem grandes problemas, indígenas e ribeirinhos parecem transitar tranquilamente entre os mundos da pajelança e das religiões de origem africana (mais presentes nas cidades).

É fato a recusa de muitos em aceitar o *dom* da pajelança e desenvolver a capacidade de cura, tanto entre os indígenas como não indígenas. Isso fica bem explícito no relato de Maria Gracineide da Silva. Muitas

famílias não aceitam que um filho ou outro parente desenvolva o *dom* de pajé. Temos aqui um exemplo do drama que permeia a consciência dos moradores na região: valorizam a pajelança como uma herança e marca da identidade indígena, reconhecem que precisam muito de pajés, mas, ao mesmo tempo, quando se trata de assumir o *dom*, renegam-no.

Até entre os Munduruku da aldeia Takuara, o sucessor do pajé Laurelino deveria ser um dos seus netos, que ainda não aceitou desenvolver o *dom*, em que pese o próprio Laurelino tê-lo reconhecido como tal antes de morrer, segundo aqueles indígenas. Certamente, as pessoas tendem a recusar um papel que é tão discriminado socialmente, devido à prática ser considerada diabólica e, individualmente, exigente (a pessoa perde o controle do corpo pela incorporação). Em face dessa sobrecarga física, social e emocional, ao ouvir de um pajé que se é detentor do *dom*, o mais comum é que o predestinado(a) procure logo saber como neutralizá-lo, para que não tenha que se tornar um pajé.

Todavia, mesmo alguém que não queira trabalhar, isto é, desenvolver seu *dom* como pajé, deve ser *preparado* por um experiente pajé para evitar sofrimentos próprios de quem tem o *dom* e não *se cuida*. Acredita-se que os espíritos maltratam a pessoa que tem o *dom* e não quer assumi-lo. O termo *preparado* é usado tanto para quem vai ser iniciado para atuar como pajé, como para quem não pretende sê-lo e quer apenas proceder à neutralização do *dom* por meio de um conjunto de obrigações regulares. Esse controle do *dom* deve ser renovado periodicamente.

O receio que as pessoas têm de assumir sua vocação de pajé pode estar relacionado a certa condenação moral que se nota sobre a incorporação, e que não se observa com a *benzição*, por exemplo. Por isso, alguns *benzedores* fazem questão de dizer que *benzem*, “mas não incorporam”. Ressaltam ainda que invocam o nome de Deus e dos santos e fazem o *sinhal da cruz*. Voltamos a lembrar que essa foi a mesma preocupação do *curador* Laurelino quando o entrevistamos nos anos 1990. Ele enfatizou que não incorporava, apenas *rezava*, apesar de todos os moradores se referirem a um tempo quando ele incorporava os *encantados*. Desconfiado, à época, Laurelino não quis falar muito sobre os espíritos que normalmente *incorporam* nos *curadores*.

Essa tentativa de negar a incorporação é sintomática. *Benzer* e *rezar* são práticas mais toleradas pela Igreja, e até as palavras expressam o que é muito comum aos católicos, ao contrário da prática de incorporar. Os próprios *curadores* assimilaram isso, e procuram se adaptar a essa visão. Querem ser tolerados pela Igreja e dentro dela. A pajelança não constitui e nem tem pretensão de constituir na região uma religião independente do catolicismo. Ao contrário, há uma relação de estreita complementaridade entre pajelança e catolicismo, o que não significa indistinção ou sincretismo. Enquanto os pajés se sentem mais seguros como católicos (HARRIS, 2006), a guerra declarada vem da parte das igrejas evangélicas, que condenam essas práticas por seu suposto caráter diabólico. O *curador* Pedrinho de Curuá enfrenta atualmente esse problema, sobre o qual fala mais à frente.

O termo fundamental quando tratamos da vocação e do começo dos trabalhos de um *curador* é o *dom*. Não é pajé quem quer, mas quem traz o *dom de nascença*. Os *benzedores e curadores* mais respeitados e procurados são aqueles que trouxeram esse *dom* ou o receberam em uma transmissão quase que direta, como foi o caso relatado por Maria Pereira, da aldeia Escrivão, no rio Tapajós, que começou a trabalhar na *benção* depois que seus pais morreram, quando recebeu instantaneamente o *dom* de sua mãe. Os demais, que *aprenderam* as orações, são vistos como *mais fracos*.

Pajés, *benzedores* e *puxadores* não cobram, as pessoas retribuem como podem ou desejam. Não cobrar pelos serviços é uma exigência da ética de quem recebeu o *dom*. E é um dos critérios mediante o qual as pessoas consideram quem é mesmo um bom profissional. Não que não queiram pagar, pois elas sempre são generosas e retribuem o trabalho do *benzedor*. Mas se após o serviço, o *benzedor* ou *puxador* diz: “Não custa nada, não. Vai da sua consciência”, é um sinal de que seu serviço é *de dom* mesmo. Quem cobra é porque não tem vocação de *benzedor*, não tem o *dom*, *aprendeu* dos outros e pode até ser um charlatão.

Os sinais de que a pessoa tem esse *dom* fazem-se visíveis de várias maneiras desde a mais tenra idade. As pessoas à volta notam que a criança é, de alguma forma, *estranha*. Depois, à medida do crescimento, aquele que tem o *dom* vai se tornando consciente de situações estranhas nas quais é envolvido, e aos poucos todos concordam que ele é mesmo

diferente. Até porque, na idade adulta, a pessoa que tem o *dom* quase sempre experimenta um período de turbulência, manifesta sinais próximos da loucura (*doidence*), fica descontrolada e sofre muito com visões do mundo dos *encantados*. É nesse momento que a pessoa e sua família procuram um pajé mais experiente, que confirma ou não a presença do *dom*. A partir daí, a pessoa deve passar pela *preparação*.

A pajé Gracinha Pedroso, que mora em Itapaiuna, no rio Tapajós, contou que desde jovem sentia e ouvia coisas estranhas, tais como passos, assovios, cantos e vozes atrás de si, quando caminhava. Mas o momento decisivo aconteceu em um dia em que ela trabalhava na roça, e ficou como se estivesse louca: derrubou uma *gareira*⁹ e outros utensílios da casa de farinha e desapareceu no mato. Ela estaria sendo maltratada pelos *encantados*. Depois disso, começou a ser *preparada* para atuar como *curadeira*, papel que exerce até hoje. Somente após serem preparados, os curadores podem *chamar* ou *incorporar* os *encantados* com segurança.

PAJÉS DE ONTEM E DE HOJE

Apresentaremos neste livro, apenas em caráter ilustrativo, alguns casos de pajés, *benzedores*, *puxadores* e *parteiras*. São eles(as) mesmos(as) que descrevem sua vocação, seu ofício e sua condição de portador

⁹ Pedaco de madeira oca e lavrada que serve para trabalhar a massa da mandioca no preparo da farinha ou de outros produtos. Normalmente pode ter de três a cinco metros de comprimento e um de largura.

do *dom* da cura. Falam ainda sobre a cosmovisão associada à pajelança. Sobre três deles vamos nos deter um pouco mais, por serem, de alguma forma, emblemáticos.

Laurelino Floriano Cruz, o pajé Laurelino, nasceu no rio Maró (região do rio Arapiuns), em 1909, mas se estabeleceu e ficou conhecido como um poderoso *curador* em Takuara, no baixo rio Tapajós (próximo de Santarém), onde o conheci e o entrevistei, em 1993 e 1994, quando eu ainda estava na graduação e desenvolvia uma pesquisa de iniciação científica (VAZ FILHO, 1996). Já cego, ele continuava tendo uma visão muito profunda sobre o mundo dos *encantados* e dos vivos. Ele gostava de dizer que era índio, e não tinha vergonha disso, em uma época em que muitos se envergonhavam. Discípulo assumido do mítico pajé Merandolino,¹⁰ conhecido como *sacaca*, que viajava pelo *fundo* dos rios, o pajé Laurelino também era tido — para os indígenas e moradores do rio Tapajós — como muito poderoso.¹¹

Do poderoso *curador* de Takuara se dizia: “É Deus no céu e Laurelino na terra. O que o médico não deu jeito, Laurelino curou”,¹² (IORIS, 2005,

¹⁰ Merandolino Cobra Grande teria morrido aproximadamente em 1948, segundo cálculos que fiz a partir das informações de vários entrevistados (VAZ FILHO, 2010).

¹¹ Ainda que Laurelino não se identificasse e nem fosse identificado pelos moradores como *sacaca*, ele apresentava algumas características de um pajé *sacaca*. Ele deixou de realizar sessões de incorporação provavelmente já nos anos 1970, o que pode ter relação com a condenação da Igreja sobre tal prática.

¹² No original: “It was God in heaven and Saulo on earth; what the medical doctor was not able to treat, Saulo healed.” A antropóloga usa o codinome “Saulo” para se referir ao pajé Laurelino.

p. 248). Isso era repetido pelo interior do rio Tapajós, e mostra como os indígenas e demais moradores viam o poder daquele velho pajé. Eu mesmo escutei falarem algo como: “Acima de Laurelino, só Deus”; tal poder não é para qualquer mortal.

Maria Santana, 91 anos, é uma conhecida parteira e *curadeira* que nasceu e vive ainda no rio Arapiuns, na aldeia de Nova Vista, município de Santarém. Ela também afirma ter sido *preparada* ou *assentada* pelo pajé Merandolino,¹³ e que sua *guia* ou orientadora espiritual no mundo *encantado* é uma índia velha parteira, que já a levou a passear pela *cidade encantada* que existe sob a área da sua aldeia. Por isso ela afirmou sobre aquele lugar e o rio que passa em frente: “Isso tudo é encantado” (VAZ FILHO; CARVALHO, 2013), ou que o terreno do povoado é o *terreiro dos encantados*.

Maria Santana fala com muita familiaridade sobre os *encantados*, e disso ela parece que entende mesmo. Devido à sua idade avançada e o início de uma cegueira, ela fala mansamente, como se estivesse imaginando e viajando pelos caminhos do *encante*. É como se ouvíssemos uma sábia teóloga indígena, o que de fato ela é. Conta que anos atrás ela teve que *prender* uma *velha encantada*, a dona do terreno onde está assentada sua aldeia, para que ela não fizesse mal aos seus parentes e a outros moradores. Ao mesmo tempo ela demonstra um sentimento de resignação e certa nostalgia quando diz que alguns *bichos*, como o Jurupari, tiveram

¹³ Ela, como a maioria dos *curadores* na região, não usa o termo pajé para si, preferindo dizer que é “uma pessoa que tem conhecimentos ligados aos encantados”.

de ir embora do lugar devido à devastação e os que ficaram já não são respeitados, como no tempo dos poderosos pajés Merandolino e Remízia.

O jovem Pedro Carlos, ou simplesmente Pedrinho, de 36 anos, é a atual referência de pajé poderoso na região, conforme os relatos de indígenas e ribeirinhos que com ele já se consultaram. Vivendo na cidade de Curuá, a poucas horas de Santarém em viagem de barco, Pedrinho parece ter todas as características daqueles antigos pajés: comunica-se com os *encantados do fundo*; reconhece quando uma pessoa não tem mais cura; não aceita dinheiro como pagamento do tratamento; revela coisas verdadeiras sobre a vida do doente mesmo sem conhecê-lo; sabe o que falaram dele mesmo à distância; tem conhecimento de fatos relacionados à vida dos consulentes antes de eles próprios revelarem-nos; é capaz até de saber o que ocorre em outros lugares, como se fosse ubíquo etc. Mesmo quem nunca foi visitá-lo repete por ouvir dizer que ele é um *curador muito bom*.

Os testemunhos que se ouve hoje sobre Pedrinho são semelhantes aos que se ouvia sobre Laurelino, e parece ser comum que se aplique a todos os *bons pajés*. Dona Maria de Jesus, indígena tupinambá da aldeia Muratuba, me disse, que voltava da sua quarta visita a Curuá: "Pedrinho é igual ao Laudelino." Ela falou que até os espíritos que *trabalhavam* com o *curador* de Takuara *trabalham* hoje com Pedrinho, que teria afirmado conhecer o pajé Laurelino *do encante*, o que só reforça a ideia de que ele *viaja pelo fundo*, que é um *sacaca*. Os indígenas do Tapajós dizem que Pedrinho ouviu do próprio Laurelino, no *encante*, incentivos para que continuem na sua luta do movimento indígena..

Interessantemente, a respeito do que se diz de Pedrinho, é a sua ligação com as religiões de matriz africana. Pedrinho teria sido *preparado* por uma *mãe* ou *pai de santo* em Salvador (BA). Por isso ele viaja, regularmente, para aquela cidade para *fazer retiro*, segundo dizem. Não deixa de ser curioso que mesmo um homem tido como *curador*, e que os indígenas acreditam seguir a linha dos antigos *sacacas* indígenas, tenha a tradição das religiões africanas da Bahia como base da sua preparação. Mas para os indígenas isso pouco importa.

Sobre os rituais de Pedrinho, dizem que durante o dia ele faz atendimentos individuais. Sua roupa é inteiramente branca e ele não usa tambores ou maracás. Às vezes ele defuma a pessoa. À noite, há rituais de incorporação, com uso de tambores e cantos. Entre os espíritos que ele incorpora, há um que é bem conhecido dos indígenas, porque se faz presente em muitos outros *terreiros* de Umbanda e *baixa* em muitos *curadores*: Maria Padilha, também chamada com muita intimidade de “a Padi-lha”,¹⁴ atualmente uma entidade associada à Pombagira. Os indígenas não a estranham, e ela continua *baixando* e conversando com eles, do mesmo jeito que conversam com Mariana, Noratinho Cobra Grande, Boto, Tupinambá, Juraci, Rompe Mato etc., tudo dentro da lógica indígena.

¹⁴ Carvalho Júnior (2005, p. 313), que estudou a conversão e a incorporação dos índios ao Pará colonial entre 1653 e 1769, mostra que desde aquele tempo Maria Padilha já era conhecida naquelas terras como uma lendária espanhola que teria sido amante de um rei e causa da morte de sua esposa, e que passou a ser conhecida como feiticeira. Eram famosos os seus “conjuros”, ou pronúncia de certas palavras invocando espíritos diabólicos.

PAJELANÇA E REORGANIZAÇÃO ÉTNICA INDÍGENA

Algo a se destacar no baixo rio Tapajós nas duas últimas décadas é a grande valorização dos pajés e da cosmovisão centrada na existência dos *encantados*. Essa mudança está associada à emergência étnica indígena, iniciada nos anos 1990, e ao discurso de que essa crença constitui parte da cultura desses povos indígenas na região. De fato, a persistência dessas crenças e de seus agentes, após séculos de condenação e perseguição por parte da Igreja e do Estado, demonstra sua importância cultural para esses indígenas.

Mesmo desautorizados e silenciados, pajés e *benzedores* nunca desapareceram nos povoados e cidades no baixo Amazonas. E agora estão tendo sua importância reconhecida no contexto da reorganização indígena na região. *Benzedores* e pajés passaram a gozar de uma maior respeitabilidade diante do grupo depois da identificação indígena. Ter um pajé na aldeia passou a constituir indicador de tradição cultural, diferentemente de décadas passadas, quando o pajé tinha de se esconder ou levar uma existência bem discreta. Até a década de 1950 era forte a onda de condenação e perseguição sobre os pajés promovida pelos missionários católicos.¹⁵ Quando identificados, *curadores* eram expulsos das capelas diante de todos os moradores (VAZ FILHO, 1997).

¹⁵ Essa onda de proibição, desencadeada pelos frades franciscanos de origem norte-americana que chegaram à região em 1943, também atingia as *festas de santo*, realizadas pelos indígenas e ribeirinhos de um modo muito autônomo em relação à hierarquia da Igreja. Chamadas de *profanas* pelos missionários, muitas festas de santo foram proibidas (VAZ FILHO, 2010).

Com o desaparecimento dos poderosos pajés, os moradores da região sentiram que estavam perdendo seu lugar no mundo e parte das suas referências simbólicas. Eram essas crenças e práticas que faziam os moradores se sentir, eles mesmos, diferentes, por exemplo, dos comerciantes judeus, dos nordestinos e dos moradores da cidade. Mas a notícia da morte do pajé Laurelino, em 1998, foi um golpe difícil de suportar. A decisão de se identificar como indígenas e exigir a demarcação de seu território lhes pareceu como uma alternativa mais apropriada para o *resgate* da cultura que estava se perdendo, para tentar deter um mundo que ameaçava se desestruturar.

Após a comoção geral provocada pela morte de Laurelino, os moradores de Takuara se *assumiram* como índios (VAZ FILHO, 2010), e logo ocorreu uma grande expansão do *movimento indígena* a partir de Takuara.¹⁶ Isso é um sinal da influência dos pajés e da pajelança como uma instituição fundamental para o entendimento da reorganização indígena no oeste do Pará. A pajelança é o principal fornecedor de elementos para a construção e afirmação da identidade indígena na região.¹⁷ Por isso, uma

¹⁶ Se em 1998 apenas o povoado de Takuara se identificou como indígena, hoje já são quase 70 as aldeias indígenas autoidentificadas. Algo como 8 mil indígenas no baixo rio Tapajós.

¹⁷ Não há dúvida de que a pajelança, no sentido em que a estou estudando, como cosmovisão e conjunto de práticas tradicionais ligados à identidade de um povo, está para os indígenas como o candomblé está para os negros no Brasil. Assim como o candomblé serviu de fonte para a produção de uma ampla simbologia associada à identidade negra (músicas, comidas, mitologia, espiritualidade etc.), no baixo Tapajós é a pajelança que fornece a chave mestra usada pelos indígenas para sua reivindicação étnica.

vez identificados como povos indígenas, esses grupos destacam a pajelança como parte significativa da sua cultura indígena. E mesmo os demais moradores das *comunidades* ribeirinhas e cidades no baixo Amazonas continuam com uma cosmovisão em que tem destaque a crença nos pajés (ANJOS, 2008, p. 4).¹⁸

Por aí se pode entender o papel destacado que a figura de Laurelino teve no processo de emergência dos indígenas de Takuara e de toda a região. Sua mensagem — sobre os espíritos da natureza e a ordem cósmica,¹⁹ sobre a herança e a identidade indígenas —, repassada durante décadas aos seus parentes e pacientes, ganhou uma importância crucial quando ele morreu. Naquele momento de orfandade, familiar e religiosa,²⁰ o grupo precisava tomar uma decisão: se aceitava a pequena área de terra

¹⁸ Eracildo dos Anjos (2008), a partir da sua pesquisa na área urbana de Santarém, observou que mesmo ali a procura pelos pajés é muito grande. Apenas no bairro do Maracanã, o pesquisador entrevistou nove pajés, em junho de 2008, dos quais 89% se disseram *pajés de nascença*. A grande maioria deles (89%) diz ser procurada por pessoas de outros bairros e até outras cidades da vizinhança. O autor afirma que a pajelança é um dos fatores que influem na “recente tomada de consciência étnico-cultural” que ocorre no baixo Tapajós (p. 32).

¹⁹ Taussig (1993) mostra como entre os indígenas do rio Putumayo, na Colômbia do início do século XX, mesmo sob condições de extrema violência e exploração, os xamãs eram os mestres que guardavam e retransmitiam o esquema cósmico e a perspectiva indígena sobre o mundo. Assim, também no Tapajós, é compreensível que tenham sido os pajés, e um em particular, aqueles que guardaram e comunicaram a tradição e a identidade dos índios.

²⁰ Segundo Ioris (2005), baseada na ideia de Turner (1982; 1987), uma das principais razões para a decisão da autoidentificação indígena dos moradores de Takuara foi a busca da superação da “crise” interna provocada pela perda do seu velho líder, o pajé Laurelino. A decisão foi um mecanismo para reajustar socialmente a *comunidade*, em vista da limitação do alcance da crise. Diante da enorme lacuna deixada pela morte de Laurelino e sua liderança (crise insuportável), aquele grupo se apegou às suas velhas tradições e à sua identidade indígena como “reajuste” ou “reparação”.

que o IBAMA estava lhe prometendo dentro da Floresta Nacional do Tapajós ou se seguia outro caminho que lhe permitisse reconquistar a terra que se sabia, por tradição, lhe pertencer (IORIS, 2005; VAZ FILHO, 2010).

Se o respeitado pajé do grupo afirmou “eu sou índio, não me envergonho disso”, por que seus filhos pensariam diferente? Sabendo que os indígenas possuíam direitos, principalmente ao território, foram à FUNAI reivindicar a terra demarcada. Depois, adornaram-se com alguns sinais indígenas exteriores e, portando os símbolos e armas da pajelança, apresentaram-se publicamente.

A figura humilde dos pajés e *benzedores* é um símbolo do que Karl Arenz (2000) chamou de “teimosia da pajelança”, essa tradição que silenciava para continuar viva e que se dizia católica para não ser esmagada pelo catolicismo. A pajelança teria permitido que no inconsciente coletivo nativo persistisse um núcleo que preencheria um significado central no processo de emancipação social constituída pela reorganização indígena.²¹ Foi o pajé Laurelino que transmitiu os saberes e segredos sobre o que estava no *fundo*, no mundo do *encante*. Foi Laurelino que, morto, impulsionou a re-emergência de um povo através da sua identidade étnica.

²¹ Arenz (2003, p. 164) lembra que Velho (1983, p. 35), ao tratar das “sete teses equivocadas sobre a Amazônia”, com relação à sexta tese (o sucesso da igreja católica na região se deve à “opção pelos pobres”, que permite a ela se identificar com o povo e expressar suas aspirações), já considera a pajelança como “um recurso alternativo” disponível e que pode ser acionado pelo campesinato nas suas mobilizações sociopolíticas, dependendo das circunstâncias. Arenz (2003, p. 164) foi muito feliz ao notar “o papel da pajelança como portadora de um projeto alternativo” para os ribeirinhos.

Por isso ele se tornou um fator aglutinador para todas as outras *comunidades* e *aldeias* na luta pela demarcação dos territórios.

Por isso, mais do que um conjunto de crenças ligadas aos *encantados*, a pajelança pode ser vista como o *sistema* interpretativo dos indígenas e ribeirinhos amazônicos (descendentes dos indígenas em sua maior parte). Apesar da colonização e da catequese cristã, a pajelança continuou desempenhando esse papel ao longo dos séculos, não de forma imutável, mas adaptando-se e recriando-se. Ainda hoje, ela fornece as lentes, através das quais eles veem o mundo; e a linguagem, através da qual expressam sua visão sobre a realidade e seus anseios de emancipação.

UMA REFLEXÃO MAIS AMPLA SOBRE A PAJELANÇA

Essa cosmovisão e essas práticas que chamamos de pajelança no baixo Amazonas são encontradas em outros lugares da região amazônica. Apesar das variações locais, elas seguem o padrão descrito por Eduardo Galvão ([1952]1976), a partir do seu estudo em Gurupá, na década de 1950: a crença nos seres *encantados* e na sua capacidade de se comunicar com os humanos pela mediação dos pajés. Mais recentemente, Heraldo Maués (1995) mostrou como esse padrão se mantém bem vivo na região do Salgado paraense e até em metrópoles como Belém (MAUÉS; VILLACORTA, 2004).

A título de informação é bom que o leitor saiba que no meio acadêmico brasileiro o pajé também é denominado pelo termo “xamã” desde pelo menos a segunda metade do século XX, sob influência de estudos antropológicos realizados na Ásia. A origem da palavra xamã é encontrada entre os Tungue, povo da Sibéria ocidental. Conforme Mircea Eliade (2002), o xamã é tido como pessoa diferenciada, com capacidades especiais para curar doenças. Desde então, os estudiosos consolidaram a palavra xamã para identificar todas aquelas pessoas reconhecidas como possuidoras de dons especiais de cura (BOTELHO; COSTA, 2006), inclusive os pajés indígenas nas Américas.

Maués e Villacorta (2004), porém, ressaltam que não obstante seja a pajelança a modalidade sob a qual o xamanismo é mais conhecido no Brasil, ela é diferente do xamanismo clássico siberiano descrito por Eliade (2002), cujos xamãs viajam pelo mundo dos espíritos para combater os entes causadores do mal. Na pajelança, os espíritos é que curam através da sua incorporação no pajé.

Voltando à Amazônia, Karl Arenz (2003) afirma que a pajelança é herdeira principalmente das crenças dos indígenas do tronco Tupi, confirmando o que já havia sido escrito por Galvão (1976) e Wagley (1988). A difusão da língua geral (tupi) entre os indígenas, inclusive entre os povos de outros troncos linguísticos, “sustenta a hipótese de que a pajelança dos ribeirinhos é, essencialmente, uma continuidade de uma prática indígena anterior à interferência dos colonizadores europeus”

(ARENZ, 2003, p. 142). Observei isso ao fazer uma comparação entre a prática curativa do pajé atual e a do *Pa-y* tupinambá dos primeiros anos da Colonização.

Conforme as conclusões de Wagley (1988), as antigas técnicas de cura, como o processo de soprar fumaça de tabaco sobre o corpo do enfermo, fazer massagem ou demonstrar que se extrai um inseto ou pequeno objeto do corpo do doente, continuam praticamente as mesmas. No século XVII, entre os Tupinambá, no Maranhão, os pajés também realizavam semelhantes rituais de defumação e sucção da parte enferma do corpo do doente.

Em minha visão, a pajelança estudada por Galvão (1976), Wagley (1988), Maués e Villacorta (2004), entre outros, é uma continuidade de práticas indígena anteriores à Colonização. Continuidade não quer dizer manter-se inalterada, mas observar determinado padrão que incorpora e reelabora outros elementos. Tal ideia vale ainda mais para a pajelança no baixo Amazonas, retratada neste livro. Isso é bem diferente de dizer que a antiga pajelança indígena de origem Tupi é *um dos elementos* colaborativos para a formação da atual pajelança “caboclá”. Minha hipótese é de que os indígenas foram, e continuam sendo, os agentes desse processo. Mesmo os indígenas²² que hoje não se dizem índios.

²² No sentido etimológico da palavra: nativos, originários do lugar; o contrário de alienígenas (estrangeiros).

Durante os últimos séculos, os atuais ribeirinhos sofreram um processo de desenraizamento das suas culturas específicas e de transplantação cultural de elementos europeus. Mas essa transplantação — que passou também por uma reinterpretação nativa — não substituiu totalmente as estruturas básicas de origem indígena, uma das quais é a pajelança, o “sistema interpretativo” da cultura dos indígenas e ribeirinhos. Pensar assim é ir além do “culto sincrético” defendido por Maués e Villacorta (2004). Não, a pajelança apresentada nesta obra não é apenas resultado de uma mistura de culturas, mas é o que persistiu do sistema interpretativo nativo fornecedor de sentido para suas ações. Não foi o catolicismo que incorporou a pajelança, mas a pajelança que incorporou o catolicismo ao seu imaginário. É a atuação do padre que é complementar à do *pajé*, e não o contrário.

Principalmente no baixo rio Tapajós, a cultura dentro da qual a pajelança tem um papel central, só aparentemente se orienta pelo padrão europeu ou brasileiro (língua portuguesa, religião cristã, medicina ocidental ou alopática etc.), pois, interiormente, as pessoas se orientam principalmente pelas crenças e práticas do xamanismo. Exteriormente, elas ressaltam o padrão europeu, e, mais discretamente, em atenção a determinadas circunstâncias, uma cosmovisão marcadamente indígena, a mesma que foi resguardada e vem sendo reproduzida pela pajelança.

Como um sistema significativo peculiar, a pajelança não se estabelece, ao lado do catolicismo, como uma religião concorrente, mas

interage com ele. Uma das conclusões de Antonella Tassinari (1999) para a pajelança dos Karipuna, no Amapá vale também para o interesse deste estudo, até porque aquela pajelança é, sob muitos aspectos, semelhante à pajelança indígena no baixo Amazonas: “Catolicismo e xamanismo coexistem sem excluir ou competir um com o outro e, ainda, concorrem para a solução dos mesmos problemas e angústias das famílias” (p. 454). Por isso os indígenas e ribeirinhos vão se tratar com o pajé Pedrinho, aceitam seu diagnóstico e seguem suas recomendações e cuidados, sem, todavia, suporem estar renegando ou traindo sua fé católica.

A atitude dos pajés de não concorrer com os sacerdotes católicos pode ter sido uma estratégia — muito acertada, por sinal — adotada depois das perseguições e discriminações a que foram submetidos. Mas essa decisão pode significar mais do que uma estratégia. Preliminarmente, pode envolver a percepção de que estavam em campos distintos e opostos. Os missionários, sim, sempre interpretaram o pajé como um concorrente na luta pelo controle das almas, um rival ameaçador a ser neutralizado. Na região, até meados do século XX, padres repreendiam publicamente e expulsavam da capela pessoas que fossem identificadas como pajés.

Por isso se compreende que todos os pajés afirmem ser católicos. Mais que isso, nas suas *benzições*, eles fazem orações em que citam os nomes de Jesus, da Virgem Maria e de outros santos católicos. Eles aprenderam ser necessário, e oportuno, exhibir publicamente sinais

inequívocos do cristianismo, para, mais discretamente, persistirem em suas ideias e práticas. Segundo Hoornaert (1974), pode-se concluir que esse comportamento tem raízes mais antigas, do tempo das visitas do Santo Ofício:

[...] diante deste clima de medo criado pelas denúncias, visitas, deportações, repressões e confiscos, os brasileiros reagiram de maneira inteligente: criaram um catolicismo ostensivo, patente aos olhos de todos, praticado, sobretudo, em lugares públicos, bem pronunciado e cheio de invocações ortodoxas a Deus, Nossa Senhora, aos santos. Todos tinham que ser “muito católicos” para garantir a sua posição na sociedade, e não cair na suspeita de “heresia” (HOORNAERT, 1974, p. 16).

Não que os pajés não sejam verdadeiramente católicos, e o admitam e expressem apenas de forma oportunista, mas pode ser que eles faziam, e ainda o façam, questão de explicitar sua adesão ao catolicismo para não serem confundidos com concorrentes dos padres, “sacerdotes do diabo”, como foram designados durante séculos.

Da mesma forma, a menção aos santos e a Jesus e o sinal da cruz, no início das *benzições*, não são procedimentos forçados ou superficiais, mas hábitos incorporados ao rito. Essa menção e o sinal da cruz são colocados no começo dos trabalhos para mostrar, também, a sua natureza: não se trata de outra religião, é catolicismo. Pode não ser o catolicismo de Roma, mas é o catolicismo historicamente possível do ponto de vista dos nativos.

A TEIMOSIA DA PAJELANÇA

Os relatos que o leitor vai encontrar neste livro mostram que as crenças e práticas curativas associadas à pajelança, bem como seus agentes continuam bem vivos na região do baixo Amazonas; não só nas áreas rurais, mas também nos centros urbanos. Por exemplo, na cidade de Parintins (AM), um recente levantamento do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) identificou 252 *benzedores*, rezadores, *puxadores* de *desmentidura*, erveiros, *sacacas* e *curadores* de nascença (ALBUQUERQUE, 2016). Se Parintins, com mais de 100 mil habitantes,²³ apresenta esses números, é certo afirmar que Santarém, com aproximadamente 300 mil habitantes,²⁴ tem pelo menos 756 desses especialistas espirituais nativos. É muito mais do que médicos(as) e enfermeiro(as).

Não se trata de hábitos de gente pobre, ignorante ou desinformada que não tem acesso à medicina oficial, com seus médicos e hospitais modernos. O que se observa é que, mesmo quando as pessoas têm acesso aos modernos recursos da medicina, ao menos uma parte considerável delas continua procurando *benzedores*, *puxadores* e pajés. Isso acontece em razão da cosmovisão da pajelança, que continua sendo as lentes através das quais elas veem o mundo. Por isso os pajés não desa-

²³ Município de Parintins. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-parintins.html>>. Acesso: 2/5/2016.

²⁴ Município de Santarém. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?cod-mun=150680>>. Acesso: 2/5/2016.

parecem, mesmo nas modernas metrópoles amazônicas, como Manaus, Belém e Santarém.

É óbvio que os moradores sabem que câncer, diabetes, dengue ou pressão alta tem outras causas que não o feitiço ou a ação dos *encantados*. Mas sabem que existem tipos de doenças contra as quais somente a medicina dos pajés é eficaz. Casos de mau olhado, *quebranto* e dificuldades persistentes de ordem espiritual, por exemplo, são *para os pajés*, e não *para médicos*. Os habitantes dessa região pensam ainda que, mesmo diante de doenças que são próprias para médicos, os remédios da floresta e *benzições* dos pajés podem ajudar.

Já as parteiras, no contexto urbano, realmente, perderam muito da sua importância e, ao menos em Santarém, desapareceram, devido ao acompanhamento pré-natal que as grávidas recebem em hospitais e clínicas e ao discurso de desvalorização e suspeita que recai sobre seu ofício. A medicina científica e a pretensa onipotência dos médicos tudo fizeram e fazem para comprovar que as parteiras não são necessárias. É uma lástima, porque as parteiras, com suas orações, defumações e saberes tradicionais, poderiam continuar dando suporte psicológico e espiritual e auxílio às grávidas, para que chegassem mais seguras e confiantes ao momento do parto; para que enfrentassem em melhores condições esse difícil momento e fossem acompanhadas no pós-parto.

Se não adianta esperar por parte do Estado, dos médicos e do aparato hospitalar maior valorização desses sacerdotes e sacerdotisas do

povo, os próprios indígenas, quilombolas e ribeirinhos continuam recorrendo a eles, em uma demonstração prática do seu valor. Porém é preciso superar o desconhecimento, o preconceito e até a intolerância que parece crescer nos últimos tempos contra *pajés*, *benzedores*, *puxadores* e *parteiras*, pessoas que só querem exercer seu *dom* de fazer o bem. Esperamos que os testemunhos que compõem este livro possam ajudar o leitor nessa direção.

Finalizo esta Introdução com um bonito exemplo de valorização desses especialistas nativos que vem do médico santareno Erik Jennings, no artigo “Mais pajés, menos médicos”, no qual ele demonstra enorme sensibilidade para com as razões pelas quais os moradores da região confiam mais nos pajés do que nos médicos. Ele se pergunta: por que em pleno século XXI, “com toda tecnologia e conhecimento científico atual, as massagens, as pajelanças e aconselhamentos são tão procurados?” (JENNINGS, 2016, p. 62). O autor conclui que falta aos médicos tratarem os pacientes com o “coração”, como fazem os pajés:

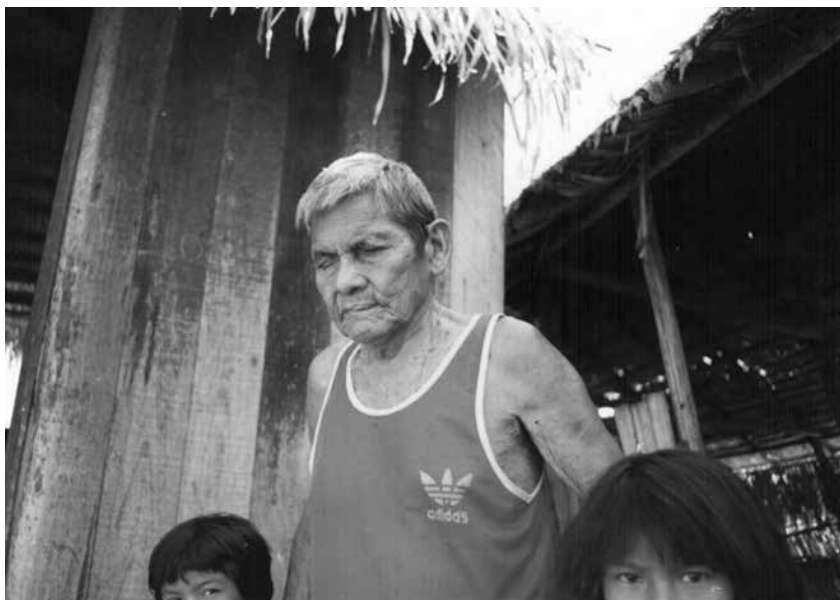
Curandeiros, pajés e puxadeiras conservam a habilidade de primeiro ouvir atentamente e acolher. Oferecem justamente o que está faltando em nós, médicos: a dimensão humana do cuidar. Porém, os pajés ou as pajés vão mais além, tentam prever o futuro, e muitas vezes se aproximam do real, pois analisam as informações da pessoa em sua dimensão biológica, social e emocional. Estão focados única e exclusivamente na pessoa, no ser humano.

[...] O grande desafio para a medicina na Amazônia e no mundo é tratar pacientes como indivíduos únicos, portadores de suas histórias, de seus laços familiares e seus temores. [...] É preciso que não se veja somente uma hérnia de disco a ser operada na coluna, mas sim um indivíduo com toda a sua dimensão humana. Por mais contraditório que possa parecer, a prática médica na Amazônia tem nos mostrado que precisamos ser mais pajés e menos médicos (JENNINGS, 2016, p. 63).

PARTE II: RELATOS

SEU LAURELINO, O “PAJÉ DO TAPÁJÓS”

Laurelino Floriano da Cruz nasceu em 2 de setembro de 1909, na região do rio Arapiuns. Na juventude, se mudou para Takuara, na margem direita do rio Tapajós, onde construiu família e fama de poderoso pajé. Entre 1993 e 1994, ele gravou este relato durante uma entrevista conduzida pelo autor, então estudante de graduação do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E foi na mesma Takuara que o pajé Laurelino morreu, em 31 de maio de 1998.



ORIGEM E AUTOIDENTIFICAÇÃO COMO INDÍGENA

O meu avô era o puro, era o índio Kumauara, o índio Kumarú. O meu avô, você falava com ele, ele não lhe compreendia. O meu avô, a minha avó, são descendentes do puro mesmo, índio. A minha mãe, o meu avô, eram índio *velho*. No tempo da guerra do Lopes²⁵, ele foi *pegado*. Pegavam na marra pra ir. Ele já era viúvo, mas mesmo assim foi. A guerra do Lopes foi no tempo da Cabanagem. Então, ele foi, que quando foi *pegado*, iam pra Belém; deu por acabado tudo. Diz que quem movimentava a guerra era um fulano de tal, Lopes. [...]. Então, o meu avô encontrou com uma cearense, Raimunda Maria da Conceição. Ela era uma cearense que casou com o meu avô, e já teve a minha mãe, mas o sangue da minha mãe já era bem de cearense.

Então, sou índio sim, graças a Deus, da terra. Eu digo mesmo, eu sou filho de índio, meu pai é filho de pernambucano, mas eu sou índio por sangue do meu avô e da minha avó. Eu sou filho de índio e não nego, e nem me incomodo [com discriminação], meus parentes ainda são sangue de índio.

²⁵ Ele parece estar se referindo a Francisco Solano López Carrillo (1827-1870), que foi o segundo Presidente constitucional do Paraguai e comandou as Forças Armadas do país durante a chamada Guerra do Paraguai (1864-1870). Na época, o Exército do Império do Brasil, que combatia os paraguaios, recrutava à força indígenas e negros, ironicamente chamados de “Voluntários da Pátria”, que eram enviados para o campo de batalha. Os moradores da região, frequentemente associam o período da repressão na Guerra da Cabanagem (1835-1840) com os recrutamentos forçados para a Guerra do Paraguai, os “pega-pega”.

A VOCAÇÃO

Esse poder de curar eu digo que é um presente que a gente recebe no ventre da mãe. O dom que Deus dá pra gente. É de Deus. Porque não pode ser de outro e inventar; não pode *se* inventar. É sagrado a pessoa fazer o que a vocação dá. Porque se ela não tiver uma vocação com aquela fé, nada é feito, nadinha. Então, eu vou dizer que o poder que tem é que Deus deu aquele dom, [assim] é que eu fui me criando.

Quando eu fiquei rapaz, dava tudo ruim pra mim. Não tinha um prazer de viver. Pra mim tudo parece que era difícil. E a minha mãe batilhava: “Mas o que tu tem rapaz?! Tu não era assim.” Eu dizia: “Não sei, é uma tristeza que dá comigo.” Foi virando... Passando uns tempos. Depois, eu fui, me *vinha* aqueles pensamentos, parece que *representava* aquela sombra na minha frente. Depois, eu *teve* pensando, “mas o que é isto?”. Casei, confessei, crismei pra ver se acabava com aquilo. Acaba nada, rapaz! [...]

As *coisa tava* ficando ruim mesmo pra mim. Pois, teve um tio da minha esposa que andou aqui, e disse: “Rapaz, melhor tu adotar essas coisa. A ‘oração das horas *aberta*’ é que traz tudo da gente, que é aquela vocação e crer naquilo com aquela fé.” E aí, eu pensei. E ele falava: “Porque senão tu nunca vai pra frente, *tudo* tempo tu vive se oprimindo por essas forças. Tu tem um dom de fazer caridade, fazer isso, fazer aquilo.”

Aí, eu comecei. Então, é isso, que eu não vou dizer “eu achei ali no chão, ou numa árvore, ou numa raiz, ou dentro d’água”. Isso não, isso é negativo. Pode camarada chegar a dizer: “Ah, isto é assim, porque é isto, é aquilo”. Não, eu tenho combatido aqui com os camaradas. Eu digo: “Não, fale a

verdade, deixe de fanatismo porque não é assim que você tá dizendo." Agora, chega um cidadão, logo você vai dizer "um feitiço". O feitiço é isto, é aquilo. Não. O feitiço existe. Mas se todos soubessem o que é o feitiço não tinha mais ninguém no mundo, porque se zangava e logo fazia feitiço pra matar ele.

O feitiço existe. Olhe, no rio onde eu me criei, o rio Arapiuns, agora parece que não, faz anos que eu vim, [mas] ali tinha feiticeiro, feiticeiro que não tinha vergonha. Mas eu não aprendi, não. Se eu soubesse o feitiço, eu não padecia fome. Porque eu enfeitiçava uma anta, um veado e o que fosse. Eu tinha aquela *imbiara* por causa do feitiço.

Aqui no rio Tapajós eu já vivi muito tempo, e ainda não sei o que é o *tar* de feitiço e nem desejo ver. Ainda não encontrei feitiço. Lá no meu rio, onde eu me criei, lá eu vi.

A MAGIA DA CURA

Sobre a cura, o que acontece é que eu vou rezando uma doença. Se eu tiver concentrando aquilo, com aquela fé, e eu errar três, quatro vezes, não tá pra mim. Tá diferente. Agora, se eu vou concentrar e fazer aquela prece, é, uma prece vidente pra *mim ver* o que tá passando, aquilo pra mim é uma força que me carrega e me sustenta em cima da terra. Eu trabalho em pé. Então, aquilo eu estou firme ali sabendo como é que vem pra mim. É assim é que é.

Nesse momento, eu sinto uma força, uma coragem, uma disposição. Pela idade que eu tenho; tudo eu enfrento certas coisas. É a minha

fé. É o dom que Deus me deu. Então, é isso que eu tenho que aproveitar. Como eu tenho dito a muitos: não é o tabaco, não é a cachaça, não é outras coisas, não. Eu quero aproveitar uma coisa verídica, o dom que Deus me deu, pois essa bênção que eu tenho que aproveitar. É o presente que o ventre da minha mãe me fez presente e Deus ajudou nesse ponto de vista, que a minha mãe me concebeu no ventre com aquele dom que ele me deu, que Deus me deu. Então, isso que eu devo aproveitar, não bagunçar e fazer acontecer, inventar ali uma mentira, “é feitiço é isso, é aquilo”. Não, eu não faço isso.

PRATICANDO A BENZIÇÃO

Houve um caso, que quando eu entrei no salão pra ver umas *mulher* que pulavam, faziam, aconteciam, Tereza e Tu-másia. Sete homens não *aguentava* elas. E aí eu fui chamado. Quando eu cheguei lá, que eu entrei na porta, que eu vi *estiarina* pra cá, *estiarina* pra ali, entrei, sentei; a que o homem, seu Pedro, veio dizer: “Eu lhe chamei pra você *vim* aqui ver essas meninas. Elas só *falta* fazer o pé a cabeça e a cabeça o pé”. “*Tá bom!*” Aí ele *chamou* elas e sentou no banco. “Vem cá, que eu trouxe o homem pra lhe benzer!”



Aí, eu fui *benzer* ela, tava rezando coisas. Eu disse: “Pense no futuro, pense na sua vida. Como que pra senhora viver todo esse tempo assim nessas *marmotas*? Que isso não é futuro pra mim, dona menina, não é futuro, não. Eu só vim porque o seu Pedro me convidou porque eu passei na casa dele, mas a gente vai ver.” Comecei a rezar, e [ela] começou a pular. “Pode pular, correr, pode correr, só não quero que me morda!” E é só. Aí, comecei a rezar nela, rezar, rezar. Acalmou-se. Ele disse: “Mas eu me admiro dessa mulher que aqui pula e coisa e tal”.

Eu digo: “Seu Pedro, a força natural é mais de que a força sobrenatural. A força sobrenatural passa por baixo da força natural, pois se o dom que Deus me deu eu devo aproveitar com toda fé. Ela se é que tem a força sobrenatural, o que eu posso fazer é fazer a minha reza, a minha oração. *Pode mais de que o que ela aprende.*²⁶ Ela levantou. “*Tá pronto.*”

Lá vem a Teresa. “Mas essa aqui é perigosa.” Então, vamos ver. Aí veio, sentou e começou a querer conversar. “Dona menina, eu não vim conversar, eu estou tratando minha prece clara e vidente. E a minha fé é sagrada. Eu não vim trocar ideia com a senhora, não fui convidado pra passear aqui.” Comecei a rezar nela e coisa e tal, e ela começou. “Acabe com isso, eu gosto de rezar uma pessoa corpo firme. E afirme a sua vista em que você tiver olhando, ou pros astros ou é pra terra. Olhe e tenha crença, tenha fé em Deus.” Rezei nela [...] e começou a se mexer. “Pular pode pular, correr pode

²⁶ Provável referência ao livro de São Cipriano e certas “orações” que as pessoas “aprendem”, como se fala na região.

correr, só me morder que eu não consinto.” Isso foi dia 25 de dezembro, [dia] de Natal que eu tive lá. Aí foi... [outra pessoa] perguntou: “Mas olhe, como é que você *adoma* essas mulheres?” “Ah, eu não *adomo* com nada.” Você sabe o que *adoma* elas? É o nome de Deus, é o Sangue de Cristo, as palavras que Ele disse por derradeiro, quando na cruz estava pregado que Ele disse que morria por nosso amor. O sangue do amor jorrou no pé da cruz e é essa fé que eu tenho, essa força que eu tenho comigo. Porque se eu tirar disso, eu sou um zé-ninguém.

[Ao ser perguntado sobre o período de trabalho em que Laurelino incorporava espíritos, conforme o relato das pessoas do rio Tapajós, ele pareceu contrariado, negou e disse:] Experimentei a integrar o corpo pra receber uma sombra dum gênio, mas pra mim não deu. Então, deixei esse sobrenatural, pra receber o natural. Ocupar o que Deus me deu.

Tem que ter fé em Deus. É o que me acontece. Pois, se vem uma coisa sobrenatural que eu vejo, pra quê que eu vou obrigar o corpo à natureza? Então, eu devo procurar o caminho limpo pra *mim* seguir. Então é isso, se é pra *mim* trabalhar por engano manifesto, fanatismo, eu trabalho com fé em Deus. Não há quem não chegue, que eu recebo, e converso [...] Mas, esse negócio de fazer uma experiência, veja lá... Agora eu vou me comprometer, que a alma só é uma. “Vamos fazer, vamos adotar, vamos fazer o despacho.” Não, não, não, eu não conheço isso.

Sobre o livro do camarada que trabalhava com essas coisas, aprender pra fazer, eu disse: “Mas olha isso rapaz, tu larga isso porque tu não vai

aguentar, porque [ao] invés de a pessoa te *adomarem*, vão ter medo de ti.” Tá ficando tudo variado. Então, aí pronto: “Fica pra lá, que eu sigo no meu caminho.”²⁷ A ilusão é o fogo do inferno. Se a ilusão chegar e eu adotar a ilusão eu piso no caminho do destino, e de tudo que o destino vai fazer em cima dessa terra eu faço. Contar é fácil. Eu conto que ali tem um bicho, lá na frente tem uma curupira, tem uma cobra grande, e tem isso e aquilo. Não, vamos acabar com isso, vamos trabalhar direito.

SUPERANDO PRECONCEITOS

Olhe, eu não tenho vergonha de chegar aonde vão me chamar, fazer uma benção numa doença. Eu rezo, sem cerimônia nenhuma. Que me disseram lá em Santarém: “E você num é perseguido aqui?” “Não, senhora!” E a bordo,²⁸ chego lá, até o capitão lá da capitania mesmo, ele, a mulher o filho, *tudo* estão lá comigo, tudo eu atendo. De coração, de mão beijada, quando eu dou o respeito. Pois é, o caso é isso.

Olhe, esse negócio de pajé (mas rapaz!) isso foi muito falado. Porque eu era isso, eu era aquilo, eu trabalhava em macumba, eu entendia da macumba [...] Mas isso tava contaminado. Os padres, quando vinham... É,

²⁷ Neste trecho, seu Laurelino parece fazer novamente referência ao famoso livro de São Cipriano que, na mentalidade dos indígenas e moradores da região, ensina fórmulas de feitiços e magias para a pessoa conseguir o que quiser. A contrapartida é a pessoa entregar a vida de alguém para o diabo e, no fim, perder a própria alma. O pajé afirma que rechaçou uma proposta desse tipo.

²⁸ Seu Laurelino viajava regularmente para Santarém no seu barco a motor “Nossa Sra. Aparecida”, que ficava ancorado no cais de arrimo em frente à cidade. Nesses dias, ele era procurado por várias pessoas que iam em busca de consulta.

tinha conferência: “Filho de quem? Filho do pajé pra batizar.” *Tava* aí, que quando eu fui fazer esse trabalho lá na vila [de Boim] que eu fui rezar, na criança e coisa e tal, aí, o padre, o frei Marcos, tava olhando e disse: “Olhe, não é como me dizem. O homem trabalha por ciência que Deus deu a ele. É o tal curandeiro. Pois é, não se trata de pajé, não se trata disto, como me trazem aqui a notícia dele.” Ele mesmo mandou uma *voadeira* pra me buscar na época. “Pois, aqui chega que ele é macumbeiro, ele é pajé, ele é aquilo, ele é isto, mas não, vamos dizer... Ele não é. É o doutor da terra, doutor da folha e da raiz.”

Pronto, acabou em nada. Digo, “não, não é assim não”. Muitos vêm com coisa, [...] é de tal forma não. Porque eu tenho dito pra muitos aqui: “Olhe, trabalhe com fé, trabalhe com carinho com seu próximo, mas não trabalhe com ganância e nem fanatismo que não adianta fazer isso.”

Eu venho dizendo: “Olhe, senhor, trabalhe direito, porque eu não gosto dessas coisas.” Porque começa a dizer uma coisa e não dá prova do que diz. A gente deve dar prova em que diz. O que Deus me deu eu tenho que levar comigo. Não dá pra passar. É meu, é no meu sangue, na mentalidade. É que eu tenho isto comigo. Eu não posso tirar e ensinar pra um filho. Agora, deve aparecer os *contrafeito*. Já apareceu, como já tem aparecido muito. “Ah, eu sou discípulo do Laurelino.” Eu digo: “Negativo! Não tenho discípulo e nem tenho ninguém.” Eu trabalho, tenho a filha minha que trabalha, faz receita. [...] Mas outro que vir? Negativo. Se ele vir é por engano manifesto. Não é verdade não.

ENSINAMENTOS DE SEU LAURELINO

Se o cara pegou um golpe, ele tem que tirar todo aquele sangue e limpar tudinho. Tem a copaíba, tem a mamona, tem o mel de abelha, tem que juntar eles três e embeber num algodão cobrir aqui em cima pra coaltar o sangue. No outro dia, ele cozinha o amor-crescido, deixa bem cozido e pisa nele bem pisado; põe uma colher de salamargo, tira a clara do ovo de galinha, bate bem batido a papa do amor-crescido, põe ao redor do golpe pra não inflamar e amarrar. No outro dia, quando ele já tá com dois dias com aquele tratamento, é que ele vai usar a banha do sucurijú. E no segundo dia, ele procura a casca da samaúma pra ralar, tira aquele pó e passa a banha do sucurijú misturando com um pouquinho de copaíba e passar com um *enzopezinho* aqui; empovilha com o pó da casca da samaúma.

[Se a pessoa cair, machucar a carne e o sangue coalhar e apodrecer] Se for logo no começo, tem que se fazer a buchinha, ferver na banha ou no óleo da andiroba, fazer que nem uma pomada e friccionar. Partir uma buchinha em oito partes pra cada dia tomar um chazinho com aquele pedacinho. Escalda e tomar tudinho pra não apodrecer, pra não haver abscesso nenhum.

[Sobre rezar na roupa de uma pessoa ausente] É possível saber qual era a doença que o dono da camisa tinha. Naturalmente, é com a reza. A reza chama pelo nome do dono da roupa; vai rezando, se você vê aquele vulto se mostrar em cima da roupa, aquela é a doença. Tem que rezar, concentrar o que você tá fazendo, olhar sério na vela.

[Sobre o poder de escutar o que as pessoas falavam a distância]
Aqui a gente escutava tudo numa fala baixa no ouvido da gente. Agora, aí eu não sabia o que era, eu só ouvia aquela voz devagarzinho na minha *oiça*, “tá, tá, tá, tá”. Pronto, acabava a vontade de conversar, acabava a vontade de almoçar. Se tivesse almoçando, eu tinha que procurar outro jeito.

DONA MARIA SANTANA, A PARTEIRA QUE VIAJOU PELO FUNDO

Nascida ainda nos tempos do pajé Merandolino, há 91 anos, a parteira-pajé dona Santana, que vive na aldeia Nova Vista, no rio Arapiuns, lembra que já ajudou no parto de 1.520 crianças. Mesmo idosa e enferma, ela relata²⁹ suas muitas histórias, inclusive sua viagem pelo mundo dos encantados.



²⁹ Este material foi coletado em uma entrevista que o Prof. Frei Florêncio Almeida Vaz realizou com dona Maria Santana no segundo semestre de 2015, na sua casa em Nova Vista.

VOCAÇÃO DE PARTEIRA

Eu tinha 20 anos quando comecei fazer partos. A Vanja era uma parteira, e pra onde ela ia fazer parto ela me levava. Ela ia me pedir do meu marido, e eu ia com ela. Fui pegando a experiência e, depois que ela ficou velha, foi embora pra Santarém e pra lá morreu. E eu fiquei com as minhas filhas, com as minhas noras, as minhas cunhadas. “E agora é que é. O que é que faço?” [E começou a partejar]. Acho que eu trouxe esse dom [somou] com a experiência que eu ia tomando da outra parteira. Depois, pronto!

Eu peguei 1.520 crianças. E fiz esses 20 *parto* dumas mulheres lá em Santarém, lá perto do hospital. Teve uma que quando me chamaram a criança tava até aqui [com a metade do corpo para fora]. Eu disse: “Não, pode *levarem* pro hospital! Pode, pode, pode!”

Um eu *fez* lá, mas aquele eu *foi* ajeitar. Eu disse pra mãe dela: “Olha, o filho da fulana *tá* de pé pra baixo.” E essa mulher não descansava [não conseguia parir]. “Leva pro hospital!” A dona ainda achou de me chamar quando a criança já está bem por aqui [com a metade do corpo para fora]. Ela em pé na *ilharga* de uma cômoda. A menina veio me chamar: “Dona Santana, pra senhora ir lá com a mamãe!” Cheguei lá e disse: “Tá. O que tu *quer*, mulher?” Ela disse:

“Tire a minha calça!” Eu digo: “Epa! *Tá* com besteira comigo.” “Não, tire!” E aí, eu fui tirar a calcinha dela. Tinha saído isso aqui [mostrando com a mão em direção à vagina], mas a mãozinha tava bem aqui, aparecendo.

Ela já tinha arrumado a cama. Agarrei ela, *fez* sentar na cama. Eu digo: "Mas tu *tem* que fazer força!" Ela sentou. Aí, ele veio, veio, veio, veio. Daí, ele nasceu, se engatou aqui [queixo], mas nasceu. Quando a mãe dela veio ver, ele tava até aqui [pela metade]. Ela deu um grito, soltou a cabeça da mulher com força. Mas deu uma ajuda (risos). E aí, ele correu pra fora. Eu disse: "É verdade. Tem gente sem fé..." Nasceu. Teve uma neta e essa neta tá no Maranhão. Ela também nasceu de pé, lá em Santarém.

Graças a Deus, nenhuma mulher morreu na minha mão, graças ao meu bom Deus. Houve três crianças, mas quando o pai veio me chamar, cheguei lá, a criança tava morta já. Ainda eles querendo que eu merendasse. Eu digo: "Não, seu Xando. Venha me ajudar aqui, que essa criança tá morta." E aí, era até a Suzana, que mora ali, ela disse: "É mesmo. A criança vinha nascendo, ele me *arrecolheu* pra baixo, pra dentro da rede, e a criança voltou." Essa pelezinha daqui [cabeça] ficou igual um boné. Peguei e *arriei* ela. "Suzana, agora é por tua conta. Deus vai ajudar, mas faz força."

A criança morreu umas sete horas da noite. Quando veio me buscar *era* oito horas do dia. E sacudi a criança, rezei *nele*, *ele* nasceu morto. Outro era dela mesmo. [A criança] vinha nascendo — a irmã dela serve de testemunha —, a criança vinha vindo, se amoleceu toda, começou a *amolengar* o narizinho dela. Já tava morrendo. No que ela fez força, a criança nasceu, mas já estava morta.

O DOM RECEBIDO E A VIAGEM PARA A TERRA DO ENCANTE

Eu fui viva, acordadinha. Quando foi pra *mim arreceber* [o dom] que eu não acreditava. “O quê que eu sei? Que nem ler eu não sei. O que é que eu sei?” Mas eu apanhava, eu gritava, eu sofria tanto... Isso foi uma preta velha lá na cidade. Minha filha mais velha mora lá no Irurama. Ela foi me levar pra essa mulher lá que ela conheceu, ela estudava lá.



Aí ela disse: “A doença da mãe de vocês não é judiaria não. É nada! É o dom dela que já chegou. E ela não tem coragem. Ela não sabe”, eu não sabia mesmo, “mas eu vou *endireitar*, ela vai ter coragem.”

Nessa ida que eu fui pra lá, ela fez tudo que ela tinha que fazer. E tem um animal assim atrás da casa dela. Ela disse: “Fecha teus olhos.” Aí eu fechei meus olhos e ela disse: “Agora abre teus olhos.” Nós estávamos dentro daquele *aningal*, eu com ela. Aí ela disse: “Olha, a mãe daqui visita toda a cidade inteira. Agora, lá tu vai fazer assim, assim, numa noite de quinta-feira.” Aí ela me deu um cigarro desse tamanho, e disse: “Tu fuma?” Eu disse: “Agora eu não *tou* fumando.” Que eu dizia que até tava

grávida, quando acaba que não era. Ela disse: “Mas tu acende o cigarro e tu leva. Vai ter quatro *pessoa* lá te esperando.”

Justamente. Que quando eu cheguei lá na praia as quatro pessoas estavam lá. Dois homens e duas mulheres, que eram as duas parteiras, e eles eram os meus guias que me defendiam de tudo. Ela disse: “Agora nós vamos viajar.” Todos de cigarro, eles *tavam*. Aí, eu *foi*, mas eu fiquei com medo. Fiquei nervosa mesmo de ver aquele bicho lá. Ela disse: “Agora embarque, *bora!* Nós vamos viajar.” E eu muito com medo, e eles seguraram assim na minha mão. Eles sabiam que eu *tava* nervosa. E saímos, e assim na *costa* dele que era *costa*, era tipo uma sala, um quatinho, e lá nos sentamos e saímos.

Esta cidade [encantada] vem desde lá daquela ponta do Toronó. Os *maioral* dos encantados moram lá. Desde a cobra-grande mora lá. E de lá até no fim do [rio] Marozão é uma cidade. Aí no São Pedro eles *tão* meio se arriscando, que aquela ponta lá é segura por duas *cobra grande*. Antigamente, o meio de uma aparecia quando dava aquele temporal que a gente chama temporal seco. Ela boiava a *costa* dela na largura de uma canoa. Ainda tem gente que muitas vezes *viram*. A Remizia³⁰ ajeitou, mas a Remizia foi embora, mas acho que a corrente está quase estragada.

³⁰ Famosa pajé que viveu no rio Arapiuns na mesma época que o pajé Merandolino. Provavelmente os dois morreram nos anos 1950.

Ali, onde o Nezinho mora, chamam de Encante, porque lá é encanto mesmo. Lá canta galo, cachorro late; lá se encantou dois cachorros da finada Faustina, que ela era índia também. É por causa disso que chamam de Encante. E tem gente que diz: "Eu vou lá [em] Serra Grande." É terra, mas embaixo tem dono. Tudo, tudo os afluentes por onde é serra, mas tem água por baixo, tudo tem seu dono.

Sobre tudo isso eu não sei. Até eu fico pensando. Não é todas as coisas que eu comecei, que eu vi, que eu vejo. Eu converso com as minhas filhas, mas mesmo assim elas não acreditam muito. Hoje em dia, não tem quem acredite em nada. Um dia eu disse pra Ester (ela mora no Garimpo) eu disse: "Minha filha, quando eu morrer eu vou ser dividida." Ela disse: "Lá vai a mamãe conversar à úfa!" Eu digo: "Não, não é à úfa. O meu espírito é pra Deus, a minha sombra é pros encantados." "Será mamãe?" "Tu não acredita, assim seja." Ela foi rindo.

Quando eu morrer minha alma vai pro céu, meu corpo vai pra baixo da terra e o meu espírito, minha sombra vai pro encanto. O encanto. Nós estamos em cima de uma grande cidade, seu menino, de uma cidade linda e rica... E tudo isso é encanto! [Gesticula com o braço para mostrar a amplitude da cidade encantada] Começa desde o Arapiuns e vai... O Tapajós é uma coisa só, uma grande cidade! Aquele laguinho lá na cidade [...] agora é só casa ao redor dele. Eu fui lá naquele lugar. Eu vi. Ele secou. E ela [mãe] disse que não tirasse ela de lá. Porque ela era de lá, e ela ia mandar, ia fazer sentar a metade daquele pedaço lá.

OFÍCIO DE BENZIÇÃO

De primeiro, nesse negócio de doença do ar, que agora já é só derame, fiz viver muita gente, muita. Tratava com meus remédios da terra, com a minha benzição. Eu benzo a oração pra essa doença. Ninguém me ensinou — só essa mulher [guia espiritual] — tudo isso. E hoje eu sou sabedora de tudo isso porque [tem essa] minha família na metade. Eu conversei com ela. Por que é assim, pra não duvidar das coisas. A gente não deve duvidar com ninguém. Olhe, eu estou *lhe* enxergando, mas eu não sei o que o senhor sabe, não sei o que o outro sabe, não sei o que aquele outro sabe, não sei qual é o dom que Deus deu pra vocês. Assim é eu.

Tem um crente aqui que é marido da diretora daqui. Ele veio foi três vezes aqui, e ia com o compadre Nezinho, que morreu, e que também benzia e consertava, mas foi *depois*. Primeiro, ele [Nezinho] teve o ensinamento da finada Remísia, ele aprendeu com ela. Ela deu as orações. Ele sabia ler, ela deu as orações que ela sabia pra ele. E ele [crente] foi lá com eles. Veio de lá, *depois* ele veio aqui comigo. “Dona Santana eu quero que a senhora me diga...” “E por que, seu Carlos, o que o senhor quer saber?” “Não, eu quero saber o que a senhora diz que benze. Eu só achei, assim, que a senhora não sabe ler, não sabe escrever.” “Mas o dom de Deus não vem só por leitura.”

E aí eu falei pra ele. Com três vez que ele veio, ele se conformou. E assim, como estou *lhe* dizendo, como eu estou *lhe* falando agora, pra ele já falei. Agora [pessoal da], Igreja fala, “Ô dona Maria, a senhora é de Deus”. Graça ao meu bom Deus!

[Uma filha da dona Santana comenta:] É incrível! Acho que foi o dom de Deus que deu, porque ela não sabe nem assinar o nome dela. Ela aprendeu as orações assim porque Deus deu aquele dom, aquela sabedoria, porque ela não sabe ler, ela não sabe assinar e ela reza pra quebranto, pra *dismintidura*. Então, assim, é a sabedoria de Deus, porque uma pessoa que não sabe ler e escrever vai copiar como?

Eu aprendi no sonho. [...] meu sonho, quando dormia, vinha uma mulher, ela vestida de branco, igual uma freira. Aí, ela rezava pra mim todas essas orações que eu sei. E quando era de manhã, me acordava com aquilo. Ia agarrar o meu balde, ia encher água. Ficava pensando, e eu rezava, e eu aprendi. Assim que eu aprendi, ninguém de corpo presente me ensinou, não. Pra dizer, “a fulana me ensinou”. Não, nem ninguém. Foi essa mulher que me ensinou. Eu acho que era Nossa Senhora. Ela vinha me ensinar. E agora, de vez em quando ela vem, ela aperta assim [aperta forte a cabeça com as duas mãos] a minha cabeça e diz: “Ô Maria, tenha fé e coragem, que você vai vencer!” Só o que ela me diz. De vez em quando, ainda mais quando eu peço, ela vem.

LEMBRANÇAS DE MERANDOLINO E REMÍZIA

Eu *lembro* dele, do Merandolino. Ele era muito, muito brincalhão. Ele fazia certas coisas... Duma corda ele fazia uma *cobra-grande*, e o cara tinha medo. Depois, ele foi embora pro Tapajós e pra lá ele morreu [suspiro]. De lá nunca mais vi *ele*. Merandolino era um bom curador aqui. O que ele

dissesse, aquilo era. Agora não tem mais... Não tem mais o bom. Agora a gente, aqui, se quer, vai pra Santarém, mas não sabe de que morre. Os *médico* não sabe de que a gente morre, enganam a gente com a doença, mas às vezes não é. Está se acabando os que enxergavam assim. Aqui mesmo acabou, que era ele e a Remízia, mas a Remízia também já foi. Ela morava lá no Tijuco, Pascoal que é agora, uma cabeceira [...] do Araçá, defronte da Ilha do Papagaio, lá ela morava, a finada. *Depois* ela morou ai no São Pedro, baixou de lá e aí ela morreu.

Eu fui lá me consultar com ela, muito mesmo. Foi no tempo que escapei de morrer numa hemorragia que me deu [pensativa]. Meu marido foi lá. Dum filho que mora lá em Santarém, eu ia morrer. Aí, quando me *atamancava* já, eu vim aqui com a parteira que tinha, que era a Vanja. Ela morava aqui nessa *comunidade*. Ela disse que tava direito, a criança. Mas, aí eu voltei e disse pro meu marido: "Antônio, o meu filho não tá direito." "Como não tá direito?" "Porque não tá! Eu já foi lá n'água, já *parpei*, não tá direito." "Vamos lá com a tia Remízia!"

A criança tava com joelho aqui, outro daqui desse lado [posição da criança na barriga]. Só os pezinhos *direito*. Mas como que ele ia nascer? Aí, eu fui sacudida, pendurada de cabeça pra baixo. Sei que ela endireitou. Aí ela disse: "Olhe esse filho tu *vai* ter sozinha. Diz pro Antônio levar meio copinho de cachaça lá dentro d'água, lá no igarapé onde tu *mora* e aí a parteira chega." Eu digo: "Ai meu Deus!"

Eu já *aperriada*, ele foi chamar a irmã dele pra *vim* pra minha banda. Eu atei uma rede pra ver se dava de eu me apoiar. O menino deu um *puxo*

áí, eu ajudei, foi parar lá na *ilharga* da parede. Áí, mais que depressa, eu me sentei, deitei ele. Minha irmã, que nem existe mais, gritava: "Meu tio, venha que a mana já ganhou nenê!"

Áí, quando sentei lá vi aquela mão agarrada assim por baixo e parece que me levantava [provavelmente a mão da parteira do encante que a pajé Remízia garantira que chegaria para ajudar Santana]. Eu cortei *imbigo*. Tive dois filhos, só eu e Deus. O Vicente, que foi embora e não sei pra onde ele anda; e o Salvino, que mora aqui.

Agora, não posso consertar [*dismetiduras*] porque o meu dedo não tem mais força. Em criança ainda conserto, mas gente grande, não. Quando eu estou aqui, que sabem que estou, áí eles vêm pra *mim* puxar.



PEDRINHO, UM PODEROSO PAJÉ NOS DIAS ATUAIS³¹

Meu nome é Pedro Carlos, mas conhecido por todo mundo que vem me procurar como Pedrinho. Não tenho muito estudo, me considero uma pessoa pouco letrada, quase um semianalfabeto, mas sei muita coisa que a maioria das pessoas não sabe. Meus professores foram outros, eles não são desse mundo igual o nosso. Eles já foram pessoas, mas hoje eles são meus companheiros, espíritos que me ajudam, são meus caruanas.³²

Quando eu comecei a trabalhar com os espíritos eu tinha uns 12 *ano* de idade. Ouvei a mamãe conversando que tinha uma moça muito doente perto *da* onde a gente morava, lá no Paraná de Óbidos³³. Lá que nós *morava*. Eu pedi pra me levarem pra eu ver a menina que estava doente. Era como se alguém dissesse pra *mim* ir lá ver ela. Nessa época, eu já via os espíritos, mas às vezes não sabia que eles eram [espíritos].

³¹ O relato foi gravado em 2013 pelo estudante de antropologia na Ufopa João Antonio Tapajós, como uma das atividades do Plano de Trabalho “conhecimentos tradicionais em práticas de saúde e troca”, que fazia parte do projeto de pesquisa “Conhecimentos tradicionais e mercados populares”, sob a coordenação da profa. Luciana Gonçalves de Carvalho.

³² O mesmo que *encantados*. Porém, o termo caruana, mais comum nas regiões de Belém, do Salgado e de Marajó, normalmente não é utilizado no baixo Amazonas.

³³ Povoado ribeirinho localizado próximo à cidade de Óbidos, no Oeste Pará. Por isso é chamada Paraná de Óbidos. Atualmente, Pedrinho vive e trabalha na cidade de Curuá, vizinha dos municípios de Óbidos, Alenquer e Santarém.



Quando chegamos lá, a menina tava doente mesmo, muito mal. Eu não sei o que aconteceu naquele dia comigo, sabe? Eu só lembro *de* alguém falando no meu ouvido, que era pra eu rezar nela, na cabeça dela, assim como os sacacas faziam. Eu saí de dentro as casa e *foi* no terreiro³⁴ pegar uma vassourinha,³⁵ esse matinho que os pajés usam pra benzer as pessoas, [...] comecei a rezar nela umas *reza* que nunca tinha feito, nem sabia como tava rezando aquilo. Todo mundo ficou assustado com aquela minha arrumação. Quando acabei, disse pra fazerem uns chás pra ela e passei pra fazer uns banhos de ervas *cheirosa*. Eles fizeram, e a dita cuja ficou curada.

³⁴ Terreiro é toda a área que fica no entorno das casas no interior, ou seja, é o quintal, porém, sem delimitação de cercas ou muros.

³⁵ Vassourinha (*Scoparia dulcis*) é uma planta rasteira com cerca de 50 cm de altura. É muito usada pelos pajés, *benzedores e rezadores* nas *benzições*.

No início foi muito difícil, porque ninguém gosta de ter um filho pajé, que fala com os espíritos, ainda mais quando a gente é pequeno. Graças a Deus que eu tinha minha bisavó, uma negrona. Minha bisavó era escrava, era pajé também. *Era* ela que me ensinou a trabalhar com os espíritos, me ensinou a dominar meu dom. Ela dizia que eu era muito forte [dom] e que eu ia ser muito poderoso porque eu era um sacaca. Os sacacas são pajés muito poderosos que já nascem com o dom da cura, da visão, da premonição, tem o poder de ver o futuro, essas coisas [...].

Desde cedo eu desconfiava que era diferente de outros meninos da minha idade, porque eu sempre via as coisas que iam acontecer, ou eles sempre falavam no meu ouvido ou me ensinavam quando eu *tava* brincando. Eu sempre brincava com eles, esses seres encantados. Eu tenho uma missão, sabe, que é mais do que esse meu dom. Eu sou um... como se diz... Guardião de um livro muito antigo, e um espelho, mas não é qualquer espelho, é um espelho mágico. Com ele eu posso ver o futuro, mas às vezes não acontece como eu vejo, porque o futuro pode sempre mudar, sabe?

Esse livro e esse espelho *foi* me dado há muito tempo por um homem chamado Baldoino, ele era pajé também, e era um daqueles bem poderosos. Ele morava nessa região de Óbidos-Trombetas [...]. Só que eu não posso deixar esse espelho cair em mãos de gente *mau*, por que pode ser muito perigoso, tanto pra mim quanto pra quem usar, a pessoa pode fazer muito mal. Ele é muito poderoso [espelho], mas se eu morrer, o espelho perde o poder; e se o espelho quebrar, eu também

perco meu poder. Eu venho de uma linhagem de pajé forte, a mesma linhagem que era Baldoíno, eu sou o último dessa linhagem. Não guardo esse espelho aqui em casa, porque — vai que alguém roube? — ele tá num lugar bem guardado.

Eu trabalho com os espíritos do fundo, esses que eu chamo de caruanas. Mas também trabalho com os do ar. Vejo *eles* da mesma forma que eu vejo as pessoas. Alguns, às vezes, são como raios de energia, eles não tem totalmente a forma de uma pessoa, são espíritos fracos, que vagam sem rumo. Outros são tão fortes que já cheguei a ponto de confundir com pessoas normais. Uma vez eu estava numa festa, dessas de santo, quando eu vi um conhecido que não via há anos, sabe como é que é, *nê?* A gente vê e vai logo cumprimentando, então eu acenei para esse meu amigo que ficou me olhando e rindo. A pessoa que estava ao meu lado perguntou com quem eu estava falando. Aí, eu disse que era o fulano [...]. Depois fiquei sabendo que esse que eu tinha visto já tinha morrido há algum tempo. É assim, eu vejo *eles* pela erradiação,³⁶ assim, como energia.

Durante os 20 anos da minha vida sempre morei num lugar chamado Parana. Lá eu comecei a atender as pessoas que me procuravam. Com o tempo e com a ajuda dos meus companheiros [encantados] consegui levantar um local para atender as pessoas, pois como o tempo

³⁶ É o mesmo que irradiação: liberar raios. Conforme Pedrinho, é o modo pelo qual o pajé enxerga *encantados* ou espíritos, e também um dos meios pelo quais eles se manifestam para o pajé.

ia passando, mais gente ia chegando pra ser atendida... As condições lá não *era* muito *boa*. Toda vez que a água enchia, a gente tinha que mudar tudo de lugar, por que lá era aqueles *lugar* de várzea.³⁷



um tempo *tá* seco e outro enche tudo. Era muito ruim ficar mudando minhas imagens [encantados representados por estátuas ou pinturas] do lugar. Era muito transtorno, não só pra mim, mas também para as pessoas que iam para lá, pois tinha sempre muitas embarcações amarradas no porto. E como era difícil conseguir lugar para amarrar os barcos e para as pessoas permanecerem lá!

Agora estou morando aqui *no* Curuá.³⁸ Não foi fácil... E ainda *tá* sendo difícil, sabe? É sempre muito difícil deixar um lugar onde a gente viveu a vida toda, principalmente porque as pessoas ainda vão pra lá me procurar, nem todos sabem que eu estou pra cá agora. Outra dificuldade foi convencer meus guias a vir comigo. A gente é igual uma galinha que pra onde ela vai os pintinhos vão atrás: pra onde eu vou, eles vão comigo, mesmo não querendo, muitas vezes (risos). Mas aqui é bom,

³⁷ Terreno que fica submerso no período do inverno amazônico, tempo da *cheia* dos rios. No período do verão, tempo da *seca* [os moradores falam assim], a várzea fica fora da água, e é quando os moradores fazem suas plantações, pois o solo é muito rico em nutrientes.

³⁸ Pequena cidade com cerca de 30 mil habitantes, próxima ao rio Amazonas, no oeste do Pará.

não tem mais aquela peleja³⁹ que tinha todo ano. Agora, tô construindo nosso espaço, um espaço maior, para atender todo mundo que vier atrás da gente, por que esse é meu ofício

Aqui só não está melhor porque de uns *tempo* pra cá [...] eu venho sofrendo muitas perseguições por causa dos meus trabalhos, dos meus dons [...] São os evangélicos, dessas igrejas que rezam gritando, como se Deus fosse surdo. Eles acham que só eles têm o direito de rezar, de crer... Que só eles são filhos de Deus. Já fui até ameaçado de morte e tudo. Eles me acusam de trabalhar pro demônio, de entregar a alma das pessoas pro demônio. Eu tenho medo, porque eu moro muito sozinho. E essas coisas deixam a gente muito triste. Meu filho, que eu crio, sofre com isso, ele ainda é muito pequeno pra saber dessas coisas, compreender, sabe? Mas eu já esperava. Por causa do espelho que eu guardo, como eu sou o último... Muitas coisas ainda vão acontecer. [...]

Eu atendo todo mundo que vier, não importa a idade, não importa se é homem, se é mulher, se é pobre, se é rico [...], todo mundo. Só tem um porém: eu não aceito mulheres que estão naqueles dias delas.⁴⁰ Não adianta *vim* por que não vai ser atendida, e nem aceito que fique aqui com os outros. Se quiser ficar num lugar afastado daqui, não tem problema.

³⁹ Refere-se ao trabalho cansativo de todos os anos.

⁴⁰ Refere-se ao período em que a mulher está no seu ciclo menstrual. Durante esse tempo, a mulher fica de resguardo, não podendo sair de casa, principalmente para os rios, as matas ou os igarapés, pois acredita-se que as *mães* desses locais ficam muito bravas, podendo punir a mulher desobediente ou mesmo outras pessoas da *comunidade*.

Outra coisa, também não atendo quando eu vejo que a pessoa não tem mais jeito. Peço pra família ou quem está acompanhando pra levar de volta, e eu falo por que, não escondo nada. As pessoas têm o vício de só trazer seus doentes quando eles *vê* que não tem mais jeito, quando a pessoa já está quase morrendo... Aí, eu digo mesmo: “pode voltar!” Eu lá vou querer gente morta aqui embaixo de casa? Eu não. Quem manda não trazer antes! E tem uns que ainda ficam *brabo*⁴¹ com a gente. E o pior é quando tem uns que vem, mas não acreditam no que eu sei, ou tem um filho ou filha que pega espírito, mas não quer acreditar. Aí eu ralho mesmo, mas eu não deixo de atender.

Eu já trabalhei muito. Hoje eu já dei uma parada. Quando eu *tava* lá no Paraná [de Óbidos], eu trabalhava de oito da manhã às dez, onze da noite. Às vezes sem intervalo pro almoço. Comia alguma coisa que me levavam, um leite, um mingauzinho. Isso foi me fazendo mal. Não comia direito. Era gente, gente, gente que parece que não acabava mais. Aí foi que a gente colocou uma parte pra ser atendida de manhã e outro pessoal pela parte da tarde. Começamos a colocar um número de pessoas pra ser atendida por cada parte do dia, geralmente dá em torno de umas sete a dez pessoas, tanto pela manhã, tanto pela tarde. Trabalho de segunda a sexta, antes era até sábado, mas agora, não.

Ah, outra coisa! Se tiver alguém num caso de mais urgência, eu atendo. Ela passa na frente dos outros. Aqui é tudo na ordem de chegada.

⁴¹ Mesmo que bravo.

Mesmo que seja alguém que tenha muito dinheiro, ele só vai ser atendido quando chegar a vez dele. Aqui eu não cobro pra atender ninguém, porque eu vejo muitos por aí que *cobra*, que só cuida da pessoa se ela pagar. Eu digo assim: “Se Deus me deu um dom, é pra *mim* ajudar os outros. Então, não vou cobrar. Vai que Deus num goste...”. Eu passo o remédio pra pessoa. Ele vai e consegue aí na farmacinha,⁴² pra ficar mais fácil pra pessoa, que já sai daqui e já leva os remédios. Eu também atendo na casa da pessoa, quando é necessário, mas geralmente só quando o doente não pode vir até aqui, ou quando é preciso desfazer algum trabalho que está na casa da pessoa.

Aqui é onde eu atendo. *Tá* provisório ainda, mas vou ajeitar pra ficar melhor. Tem essa mesinha aqui que serve pra eu colocar minhas coisas de trabalho. Aqui tem tauarí,⁴³ meu marari,⁴⁴ água, cachaça com alho pra dar banho nos que estão muito carregados.⁴⁵ Embaixo fica sempre essas velas aqui [...].

⁴² Farmacinha ou farmácia é a denominação do local onde se vende vários tipos de medicamentos naturais, como ervas, cascas e raízes de árvores, sementes e folhas e também algumas poções feitas especialmente para banhos medicinais. Há ainda vários outros artigos religiosos. Esse espaço fica ao lado da casa de Pedrinho e foi construído por ele.

⁴³ É o nome que os pajés dão ao seu cigarro de uso ritual, em razão de ser feito com a fibra da árvore tauarí. A fibra faz a função do papel no preparo do cigarro. A tauarí também é conhecida como o lugar que abriga o curupira, um dos *encantados* da floresta.

⁴⁴ Também chamado de maracá, é um instrumento que produz o som de um chocalho, usado pelo pajé na hora de fazer seus trabalhos espirituais. É fabricado com uma pequena cabaça, uma haste de madeira para servir como cabo e algumas penas de aves.

⁴⁵ Uma pessoa está muito *carregada*, quando está com muita energia negativa, está doente espiritualmente. Geralmente o problema é ocasionado por mau-olhado ou inveja.

Eu só atendo uma pessoa de cada vez, caso esteja acompanhada eu deixo entrar [...]. Aqui vem todo tipo de gente. Vem gente que tá com doenças pra médico, como diabete, gastrite, doença de pulmão; enfeitado, judiados de bichos do mato,⁴⁶ pescador panema, gente que pega espírito⁴⁷ [...], até gente querendo saber se tá sendo corno [risos].

Eu não sei quando vou morrer, mas só sei que minha missão está chegando no fim. Vamos ver, né? Quem sabe Deus tá gostando do meu trabalho e me deixa mais um tempinho [risos].

⁴⁶ Fala-se *judiação de bicho do mato* quando alguém adoece vítima das *mães* dos igarapés, das cabeceiras ou dos rios. Na cosmologia das populações dessa região, quando o meio ambiente não está sendo respeitado ou quando alguém infringe alguma regra da natureza, como, por exemplo, uma mulher se banha menstruada no rio, a *mãe* do rio se *vinga*, provocando uma doença em alguém. Assim, essa pessoa fica *judiada de bicho*, e, nesse caso, só um pajé poderá restituir sua saúde.

⁴⁷ Alguém que fica incorporado por espíritos. Geralmente isso ocorre com quem tem uma mediunidade mais afluada e que precisa saber controlar. Nesses casos, o pajé ajuda a pessoa a doutrinar esses espíritos ou, se for o caso, afasta os espíritos da pessoa.

PAULINHO BORARI, PAJÉ E ESTUDANTE DE ANTROPOLOGIA

Paulo Victor Miranda Fernandes é pajé e mora na comunidade Tabocal,⁴⁸ mas sua família é nativa de Alter do Chão. É militante do Grupo Consciência Indígena (GCI) e estudante do curso de Antropologia na Ufopa.



Vou falar um pouco da minha história, de como começou tudo isso, assim, na questão espiritual. É, foi bem cedo. Eu tinha mais ou menos uns cinco anos de idade. Minha mãe sempre conta que eu tinha muitos desmaios e muitas convulsões, que o médico falava que eram convulsões. E sempre me levava em uma rezadeira, e toda vez ela dizia que quando eu chegasse em uma certa idade, os mestres, que *era* as entidades, eles iriam me cobrar o que eu deveria fazer, que era trabalhar pra eles.

⁴⁸ Comunidade localizada no Km 24 da rodovia BR 163 (Santarém-Cuiabá), Planalto santareno.

Minha mãe conta que quando eu era criança eu conversava com a lua! Eu me sentava no quintal e começava a conversar e chamar as pessoas pra conversar também. Mas as pessoas não enxergavam as coisas que eu *tava* vendo. Isso eu não me lembro, mas ela sempre conta isso. E esses desmaios que eu tinha eles demoravam muito tempo. Eles demoravam às vezes a tarde toda, um dia quase todo. E acontecia isso.

Quando eu fui crescendo, ou quando eu fui completando mais anos, já da base de 10 pra 11 anos, eu comecei a sentir mais forte, e eu comecei a fazer remédios, o remédio vinha na minha cabeça: garrafada, xarope... Comecei a rezar, a costurar pessoas; a rasgadura, que a gente sempre vê pessoas que tem problemas de rasgadura. Se bateu e caiu, às vezes com bola ou alguma coisa. Aparecia gente lá em casa pra *mim* costurar. Usava aquela agulha, aquela linha. E também pra aquela *dismintidura*, rezava, puxava. E até hoje eu rezo, eu puxo.

E começou também a questão de eles se aproximarem mais de mim, os mestres. Eu comecei a ver *eles*, comecei a sentir *eles* com o contato mais forte. E eles têm também o poder de se *atuar* na pessoa, o poder mais forte na pessoa. E eles começavam a chegar e conversar com as outras pessoas, e as curas também, que eles fazem. É uma coisa muito interessante!

Eu, sabendo do dom que eu tinha de trabalhar como rezador, eu me sentia estranho diferente. Aí, eu decidi procurar uma igreja evangélica, pois diziam quem lá tiravam demônios (risos). Mas, ao mesmo tempo

que eu estava lá, os mestres não me abandonavam. Eu cheguei a ver eles dentro da igreja, me chamando pra trabalhar para eles. Não durei muito tempo lá. Mas eu fiquei meio perdido, pois eu não sabia realmente o que eu deveria fazer. Então, como eu sempre amei ser indígena, eu busquei o Grupo Consciência Indígena (GCI), pra participar do movimento indígena, para descobrir mais sobre minha etnia e cultura.

Eu comecei a ficar na biblioteca do GCI, atendendo pessoas que iam ler livros e fazer pesquisa. Então, eu achei um livro do Frei Florêncio Vaz,⁴⁹ que fala dos indígenas do baixo Tapajós. Eu lia sobre os pajés, sobre a força que eles têm no nosso meio. Então, aquilo me emocionou. Eu sabia que era parte de mim. Eu sabia que eu tinha que trabalhar. E a Maneira que o livro trata do assunto quebrou meu preconceito. E, assim, eu logo assumi minha função de pajé.

No trabalho que eu tenho, a minha mestra se chama a Toia Jarina, que é uma encantada muito bonita e uma princesa da praia. O meu segundo mestre é o seu Guaracy, que é o índio que representa o brilho do sol. Da linha de Oxóssi. Sou filho de Oxóssi, e de Oxum, que é a mãe d'água. Oxóssi é o rei da mata e Oxum é a rainha mãe d'água, no meu ver, na minha crença.

E as curas que essa *caboca* faz, a dona Jarina, é uma coisa muito interessante, porque ela já chegou a curar pessoas que *tavam* com feitiço, assim, maldade, judiaria que pessoa faz; e retirar do corpo da pessoa. Retira

⁴⁹ Paulinho se refere na verdade à tese de doutorado de Florêncio Almeida Vaz Filho (2010), onde as crenças e práticas da pajelança aparecem com certo destaque.

bicho, retira pedaço de osso. É esse tipo de cura que as pessoas procuram hoje, porque às vezes as pessoas estão com problema, pensam que é para o médico, e não é. Tem um problema que é pro médico, mas não é. E já é pro curador, pro sacaca, e é muito interessante.



Desde criança também os mestres me ensinaram a usar o tauarí. Eles me ensinaram a fazer o tauarí, o mararí que a gente conhece, que é o maracá, que é com a pena de arara, e a gente sempre usa pra cura. A tesoura também, que é muito bom pra rezar. A tesoura que vai cortando o quebrante, que vai cortando o mal, que vai cortando aquilo que vai atrapalhando a vida da pessoa.

E foi difícil pra mim um pouco, porque geralmente a família da gente não aceita isso, as pessoas não aceitam. Mas eu sinto que tive uma força muito grande deles, do povo dos espíritos, dos mestres, porque eu meti a cara mesmo pra fazer esse trabalho. É algo que a gente faz pra ajudar o próximo. É algo que a gente leva pra vida toda. A gente tem que ajudar nosso irmão.

E já chegaram pessoas pra fazer maldade, e eu não trabalho com isso. Eu não trabalho com o mal, porque quem planta o mal colhe o mal, né? E o trabalho da pajelança, do sacaca, do curador é pra fazer o bem e



pra curar mesmo. É pra ajudar e pra levar uma mensagem às vezes, porque a cura da pajelança também envolve muito a questão de levar uma boa mensagem pras pessoas. Às vezes, a pessoa tá numa situação ruim, uma tristeza. Os mestres também fazem isso, eles não curam apenas, mas vem conversar qualquer coisa; eles também [dão] uma boa mensagem pra pessoa que tá precisando. Eu vejo muito amor nessa questão,

nessa questão do trabalho de cura, desse tipo de religião que a gente tem.

E eu acredito em santos sim. Eu sou muito devoto de Nossa Senhora da Conceição, sou muito devoto de São Sebastião, muito devoto de Padre Cícero também, *pela* essa miscigenação que nós temos na minha *comunidade* [...] muito bonita, muito grande. Além de indígenas, tem uma mistura também, um pouco de nordestino. É, eu conheci nordestino que também trabalhava com essa cura, que foi muito interessante. Meu pai, um dia, veio uma jararaca e mordeu a perna dele, e chegou a passar muito mal. E ele chegou com um senhor que se chamava Antônio Mendonça, e

ele fez assim: ele chupou em cima de onde a cobra tinha mordido e cuspiu dentro da boca do meu pai. Naquele momento o veneno foi passando, foi passando, e meu pai ficou bom e [...] não sentiu mais nada. Acho isso uma coisa muito interessante também.

Tudo isso envolve a cura, envolve tradição, envolve uma coisa que a gente tem, e os nossos pajés fazem isso aqui. Tinham uns pajés aqui que *rezava* num dente, e às vezes o dente *tava* ruim, o dente caía, o dente quebrava. [...] E o que eu vejo hoje é que as pessoas, além de algumas *tarem* buscando, algumas estão *esquecendo* disso, estão deixando de lado, não estão valorizando. O meu trabalho eu não cobro. Eu não cobro porque os mestres não gostam que a gente cobre pelo trabalho, mas se eu for num rezador pra ele me dar um passe, pra ele me rezar, sempre deixo um agrado, porque sempre é bom deixar um agrado, um agradecimento pra pessoa.

A mensagem que eu deixo pra algumas pessoas que não aceitam o seu dom, é que analise bem e veja que isso não é coisa *mal*, isso não é coisa de um demônio, de um diabo, que as pessoas falam, que eu não dou muito valor pra ele. Nem um pouco, isso não é coisa demoníaca, não é coisa diabólica. [...] A religião que veio pra gente aqui, pra nós indígenas, a religião que foi imposta, ela também ensinou que isso é coisa do mal, que é bruxaria, que é macumba, que é feitiçaria. E que as pessoas, muitas vezes, se *prende* pela sociedade, pelo fato social que é criado em cima.

E o que eu digo é que se aceite, que busque esse lado espiritual [...]. Você pode estar se sentindo fraco pra assumir esse lado espiritual, mas a

partir do momento que você buscar o lado espiritual, ele vai te fortalecer. E ele vai fazer de você uma boa pessoa, envolvida no mundo espiritual, e você vai poder ajudar o seu próximo. [...] tem muitas crianças nascendo pajé, tem muito jovem pajé que não se aceita, não se assume, não aceita esse dom. E isso faz muito mal pra gente que não aceita. A pessoa sofre muito, a pessoa adocece muito, as coisas não dão certo, porque é o dom que o Pai maior dá pra gente ajudar o próximo. E se a gente não tá ajudando, a gente vai sofrer, que a gente não tá fazendo o bem. Tem que fazer o bem, tem que ajudar. E é isso que nós *tamos* precisando, pajés que *tão* aí escondido.

Vamos mostrar nossa religião. Vamos mostra nossa força. Não vamos deixar ninguém pisar em cima da religião da gente, e dizer que a religião de alguém é melhor. O que eu busco muito é isso, porque, às vezes, entram religiões dentro de nossas aldeias, entram religiões dentro do campo, que eles dizem do evangelismo que vão evangelizar alguma coisa. Mas e só pra tentar dizer que nós, pajés, que nossa religião, que nossa crença é errada e é diabólica.

E uma coisa que eu digo: nós não precisamos mais de nada, de religião de ninguém, nós já temos nossa religião, temos nossas crenças, nossos encantados que nós acreditamos. E nós não precisamos mais disso. Temos nossos santos, temos nossos encantados, nossos pajés, que apesar de muitos terem morrido, os espíritos deles ainda *está* com a gente. E é esse recado que eu deixo, vamos dar valor mais no que é nosso. E não vamos deixar o exterior, o alienígena, *vim* de fora e impor o que ele quer. Mas nós vamos *indigenizar* esse povo. E é esse o recado que eu deixo.

VANDA OLIVEIRA DE SOUSA, PUXADEIRA, O APRENDIZADO PASSO A PASSO

Puxadeira da comunidade Palhalzinho, região do Planalto Santareno.



[...] desde os 20 anos que realizo trabalho de puxar *dismintidura*,⁵⁰ puxar, pé, mão, corpo todo. Eu descobri que tinha esse dom foi o meu avô Benedito Canté que me ensinou. Ele me ensinava numa tala. Ele quebrava tala e eu tentava colocar no seu devido lugar. Aí, o vovô me disse que eu dava pra saber onde é que tava a *dismintidura*. Então, ele foi me ensinando passo por passo.

50

Ele tinha uma turma de alunos na colônia mesmo, que ele mesmo escolhia porque ele já estava idoso e queria repassar pra alguém esse dom. Ele pegava uma tala e quebrava em quatro pedaços. Ele mandava nós *colocar* aquela tala sem quebrar conforme tivesse feito, então nós *colocava* pedaço por pedaço. *Aonde* fica mal feito é porque faltava algo emendar, e aí ele tentava de nós *colocar*. Quando nós não *conseguia*, ele disse que nós não *dava* pra aquilo e ele já eliminava do encontro dele. Mas quando a pessoa conseguia colocar, ele dizia que nascemos já pra puxar. Então, era passo dele, passo por passo.

Pra nós aprender, demorou um pouco. Foi numa base de quatro anos que nós tivemos que tentar colocar sozinha. Mas, enquanto isso, nós não mexia na perna de ninguém, com quatro anos ele disse que nós estava pronta pro serviço.

Ele também usava muito boneca. A boneca era essencial pra ele, pra dar aula pras alunas dele. Nós *era* em torno de seis meninas e três meninos. Ele dava aula pra nós. Ele dizia que não era emprego, era dom que nós *tinha* de Deus. Por isso, não cobramos nada por esse trabalho. Ele sempre dizia que o dom de Deus nunca se cobra. Agora, vai das pessoas em ajudar alguma coisa, mas nada é cobrado, porque é o dom de Deus. Porque quando cobra, não vale a reza pra consertar, porque Deus [...] pode virar contra. Mas se a pessoa *ver* que o trabalho é bom, ela dá uma gratificação.

Esse meu avô fazia esse trabalho, e era muito procurado. Na época que ele ia nos ensinar a *costurar*, foi o tempo que ele faleceu.

DONA MARGARIDA, A PARTEIRA DE GÊMEOS

Parteira do quilombo de Tingu (Santarém).

[...] sou parteira e durante muitos anos eu peguei criança. Quem me ensinou pra ser parteira foi a minha irmã, ela que me ensinou, que ela era parteira também. Aí, ela teve o primeiro filho, que foi o que eu *assisti*.⁵¹ Sempre as pessoas vem aqui, pra puxar, dizer como é que tá a criança, pra dizer o que que é, tudo isso eu sei. Eu conheço pelo se mexer se a criança é mulher ou homem. O homem é com cinco meses que ele se mexe, a mulher é com três. Por isso, eu já sei quando é homem, quando é mulher.



⁵¹ Assistir: no linguajar popular significa ver como é feito o parto, mas também acompanhar e ajudar a parturiente durante o parto.

Se eu já fiz muitos partos? Ixiii! Muitos partos que eu nem sei, nem sei mais quantos *parto* eu fiz. De gêmeos, fiz quatro.

Agora, sobre a *mangarataia*.⁵² Pois é, a *mangarataia* ela é muito forte, pra fazer o chá pra dar força pra criança nascer. Então, ela ajuda a mãe. *Parteira na aldeia Curucuruí (Santarém)*.

⁵² Mangarataia: raiz também conhecida como gengibre; do latim *zingiber*.

FABIANA DE ALMEIDA COSTA, A OCASIÃO FAZ A PARTEIRA

O primeiro parto que participei foi em casa, com a idade de 17 anos. Era da minha irmã, hoje já falecida. Foi em Alter do Chão, na companhia da minha mãe, que é já parteira profissional. Foi até mesmo por uma necessidade.

Eu não tinha nenhum conhecimento nessa área. Para mim, foi uma experiência e tanto. Eu só estava acompanhando a minha mãe, e não iria ajudar *ela* durante o parto. Mas quando foi na hora, a mamãe teve que ir em um lugar aonde só ela podia ir. E a mulher entrou em serviço de parto naquele momento, e estava eu lá sozinha sem nenhuma experiência, e a mulher começou a dizer: “Estourou a bolsa! O bebê *tá* nascendo! O bebê *tá* nascendo!” Pediu que eu ajudasse, e eu não tinha a menor ideia do que fazer. Então, eu comecei a gritar chamando a mamãe, e a mamãe respondeu de longe: “Segura a cabeça pra não bater!”



E eu me assustava com aquilo, por ver uma criança a nascer... Era um menino. Então, ele nasceu em minhas mãos, graças a Deus. Foi rápido pra nascer. O restante do parto já foi a parteira que terminou de fazer, como a massagem pra sair a placenta.

Desde lá tenho acompanhado minha mãe durante os partos. Eu tenho pego criança sozinha enquanto a parteira sai e não me desespero mais. Com a orientação dela, experiente, que já fez mais de mil partos, já não tenho mais aquela insegurança que tinha antes.

E já participei de vários trabalhos de parto com ajuda dela. E já tô me acostumando com a ideia de seguir o trabalho que minha mãe faz, que é partejar e *puxar*⁵³ barriga de mulher grávida, ajeitar para o encaixe do nascedor. E aos poucos tô me descobrindo que, além de poder ajudar crianças, [...] posso ajudar de outras formas dentro da barriga de sua mãe, sendo puxar barrigas, ajeitar.

E o interessante é que cada gestação é diferente. A partir dos quatro a cinco meses de gestações o bebê se mexe dentro da barriga. Tem muitos casos que a mulher se mexe primeiro que o homem e em outros o homem mexe primeiro, mas muito raro isso. E também durante a puxação de barriga é possível saber o sexo do bebê.

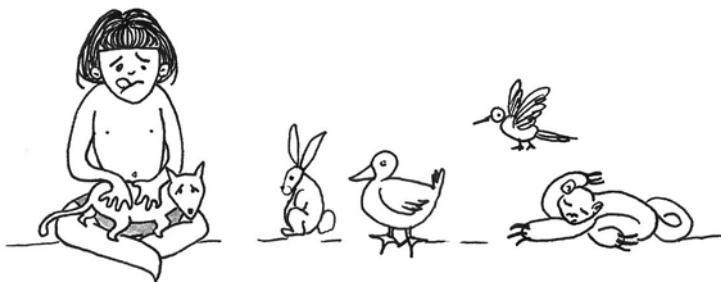
⁵³ Puxar: neste contexto, puxar está relacionado com as massagens que as parteiras precisam fazer na barriga da grávida para sentir como está a posição do bebê. As tradicionais parteiras orientam as mães a ir puxar a barriga mensalmente até o nascimento do bebê.

MARIA EUNICE ASSUNÇÃO DO CARMO, VOCAÇÃO DE PUXADEIRA

Maria Eunice Assunção do Carmo, puxadeira em Santarém.

Eu comecei a puxar, com uns oito anos. Comecei com animal [risos]. Meu primeiro cliente foi um cachorrinho que *desmentiu* as cadeiras, e vieram trazer pra mim. O segundo foi um coelhinho também que *desmentiu* a pata, e vieram trazer pra mim. Aí, foi começando, criança, adulto...

Tem gente que sabe benzer, tem gente que sabe consertar *rasgadura* e tem gente que puxa e conserta. Só que, no meu caso é assim, a gente mesmo vai procurando ossinho por ossinho, quando tem uma fratura a gente sabe, quando *tá* quebrado, quando pertence ao médico e quando não pertence.



Às vezes não dá de ajeitar e eu recomendo ir no médico. Aconteceu com um senhor ali, que ele quebrou, ele caiu e fraturou a perna. Eu fui lá e disse que não dava pra mim, disse: “Não, você vai *no* médico porque isso aqui não dá pra mim. Aí, quando você *vim*, você traz pra mim que eu ajeito.”

O primeiro parto foi assim. Uma menina estava grávida e caiu no banheiro. *Me* chamaram pra eu ir lá, mas eu não queria ir. Aí eu chamei minha vizinha, que morava aqui em casa. Ela era parteira. Ela disse: “Eu vou lá *lhe* acompanhar, vou *lhe* dando orientação, como é que a senhora deve fazer.”

Só que, pra quem faz a primeira vez, eu queria desistir, entendeu? Eu disse: “Não, não vai dar pra mim, não.” Até porque, eu pensei, *ela bateu, caiu, perdeu sangue. Aí, com certeza a criança teve uma fratura, alguma coisa.* Eu disse: “Não vai dar pra mim não.” Ela disse: “Não, vizinha, dá sim pra você! Faz, que eu *lhe* ajudo a fazer o parto dela.” Ela me encorajou ali. *Teve* o pessoal do SAMU⁵⁰ que também *vieram* orientar.

A mulher do SAMU disse: “Não, você vai fazer o parto da criança, e nós vamos só assistir daqui.”

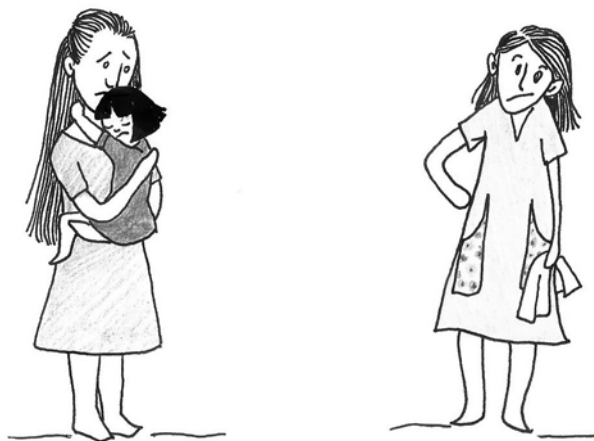
Aí eu fiz o parto. Graças a Deus o parto foi normal, não teve nenhuma complicação. A criança saiu, nasceu bem sadia mesmo.⁵⁴

⁵⁴ Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

DONA RAIMUNDA PEREIRA, REZADEIRA, O DOM DE REZAR MESMO CONTRA A VONTADE

Rezadeira do quilombo Tingu (Santarém).

Eu faço oração de quebranto,⁵⁵ planto planta medicinal, tudo eu faço. Quando chego em casa, vão levar criança pra *mim* rezar, aí eu rezo. Tem vez que eu não quero, mas daí eu faço aquilo que é do meu dom. Ninguém me ensinou, é do meu dom... Eu não vou dizer não, né?



⁵⁵ Quebranto ou quebrante: mau-olhado, enfermidade que deixa principalmente as crianças indispostas, mofinas, com febre e com diarreia (fezes esverdeadas). A palavra vem de quebrar, do latim vulgar *crepantare* (rachar, quebrar, estalar). Acredita-se que o mal foi provocado pelo olhar forte de alguém, pois as criançinhas são mais fracas contra esse tipo de olho forte. Por isso, recomenda-se aos pais colocar pulseiras coloridas ou colares com dente ou osso de animais no pescoço do bebê, que é para rebater essas forças ruins e proteger as crianças.

Eu suspendo a campainha,⁵⁶ só campainha que é quando dá aquela tosse com coceira... *Boto* um pouco de pimenta-do-reino e açúcar no cabo da colher e aí eu suspendo o pinguelo.

Vento caído é quando a gente suspende a criança da cabeça pra cima. Eu benzo e meço os dedos. Se passar desse dedo aqui [refere-se ao dedo indicador], aí eu faço duas vez, uma do lado de dentro, outra do lado de fora. Eu meço aqui, aqui é a porta; aí eu faço do lado de fora de novo, é assim. É um dom...

⁵⁶ Campainha: segundo os benzedores, está localizada na garganta. No contexto regional denomina-se também de “pinguelo”.

DONA MARIA PEREIRA RECEBEU O DOM DIRETO DA MÃE

Nasceu na aldeia Escrivão, município de Aveiro, Morreu aos 65 anos, em 2009.

Quando a minha mãe estava morrendo [...] ela *tava* já só, já no final da respiração, aí, deu aquele negócio em mim e eu caí. Quando *inda* eu *tava* sabendo, aquela coisa entrou pelo meu nariz.⁵⁷ E aí, pronto, quando me recordei eu já tava no braço da minha tia [...]. Depois, eles, meu pai e minha mãe, eles me incorporaram. Fiquei toda dormente, eu não sentia



⁵⁷ A mãe de dona Maria Pereira já era benzedeira ou curadeira, e foi dela, na hora da sua morte, que dona Maria Pereira recebeu o dom de benzer. Ela disse que apenas no início da sua preparação ela incorporava os espíritos dos seus pais mortos.

nada, nada. Fiquei incorporada mesmo, que eu não sentia nada. Aí, eu falava na voz deles. Quando não vinha um, vinha outro; quando não vinha a minha mãe, vinha o meu pai. Eles falavam na voz deles mesmo. [Falavam] com os meus *minino*, que eles conversavam, botavam *eles* no meu lado e conversavam com eles. Aí, eles ensinavam os *remédio* que era pra fazer pra mim, aí, ensinavam pra eles. Quando eu ficava boa, quando eu *tava* no meu sentido já, me contavam como era.

Passou uns tempos ainda, passou uns cinco *mês*, aí eles [pai e mãe falecidos] me ensinavam no meu sonho, como que não era, como era. O meu pai entendia bem do negócio. Comecei primeiro benzer, depois ela me ensinou puxar junta, e aí eu consegui adquirir.

[Foi] um dom que Deus me deu. Então, por isso que eu não posso às *vez* cobrar as *criança*. É só o que eles⁵⁸ me proibiram, que não cobrasse criança, assim inocentezinho. Então, foi isso que eles me falaram no meu sonho. Eles vinham *tudo* pelo sonho. E graças a Deus me dei bem. *Tô* me dando bem.

⁵⁸ Ela se refere aos espíritos dos seus pais.

SEU ZORMAR E AS ORAÇÕES ROUBADAS

Zormar Pedroso Lopes, benzedor em Pinhel (Aveiro), rio Tapajós. Faleceu em 2015

Quando eu era jovem não sabia de nada, hoje em dia eu estou com essa idade de 67 anos, e eu tenho um saberzinho porque Deus que deixou no meu corpo. Quando eu era jovem eu não acreditava. Um tempo meu pai estava na mão de um pajé. Ele acreditava muito nessas *arrumação*⁵⁹ dessas benzeção. Ele *tava* se tratando com ele, e eu cheguei lá um dia, aí ele disse assim: “Seu Armindo, o senhor não quer uma benzeção pra cima do seu filho?” Meu pai falou que era bom.



⁵⁹ Algo confuso ou estranho; situação duvidosa.

E quando foi na hora do *trabalho*, ele me chamou pra lá. Aí, ele pegou, baixou a *rédea* de cima de minha cabeça e disse assim, por essas palavras: “Ah você é um homem que não acredita, *né?*” Eu disse: “Sim, e não acredito *mermo* não. Eu acredito também, mas só se eu *ver*.” Aí ele disse: “É verdade. É porque você é novo e não sabe o que *tá* no seu corpo. Quando você pegar a sua idade você vai ser um bom benzedor e bom puxador”. Olhe, eu não acreditei não, eu era novo, jovem.

Quando há pouco tempo chegou aquilo pra *mim* aprender. Eu tinha um filho, ele pegou uma *estrepada* na perna, e aí pegou a *vermelha*, a *ezipla*,⁶⁰ aí eu vim consultar um benzedor aqui em Pinhel. Eu morava ali, num lugar por nome Badajó. Aí, vim convidar o benzedor. Ele disse que ia. Quando cheguei lá, o menino sofrendo, chorando ali com a perna que tinha aquilo que tava da *estrepada* da espinha do peixe que era *surubim*. Pegou a *vermelha*, *tava* inchado e vermelho, e ele chorando. Coitadinho, com a perna pra cima... Aí, esperei dez, esperei onze e meio-dia, e ele não chegou.

Aí, eu me *alembrei* que minha irmã tinha um caderno *aonde* tinha a benção de benzer a *ezipla*. Peguei a tesoura, fui dizendo aquelas palavras e foi benzendo e cortando, aí quando terminou peguei e mandei sentar o remédio [...] o menino foi, foi gemendo e foi acalmando aquele *gemor*. Dormiu. Quando ele *se* acordou, ele disse assim: “Pai, muito boa essa oração.” Aí, eu peguei de novo no caderno e fui benzer umas cinco horas da tarde. Ben-

⁶⁰ Nome popular para erisipela, também chamada de *vermelha*.

zi de novo e sentamos o remédio. Quando foi à noite, o rapazinho dormiu bem, bem, bem. No outro dia, o rapazinho amanheceu bom.

Aí, o que eu fiz? Eu peguei o caderno e copiei essas orações, tirei essa benção de benzer *ezipla*, não só tirei ela como tirei a benção de benzer mau-olhado, quebranto de barriga de crianças. E aí, eu fui aprendendo, e eu não sabia. Eu contei pra muitas pessoas, elas me disseram: "Olha, por isso que suas orações são boas, porque tu roubaste."

Então foi assim que eu aprendi. E hoje em dia eu já aprofundei minhas orações. Sei benzer o mau-olhado, quebranto e outras coisas que sei. Comecei a praticar nos ossos das pessoas.

Então eu achei que eu devia me aprofundar. Eu fui entendendo e fui conhecendo, e hoje em dia eu puxo pessoas assim, e tem se dado bem comigo. Tem gente [que] vem de Escrivão, Cametá, das *comunidades* vizinhas, tudo vem comigo pra benzer, *venham* me buscar pra *mim* benzer. E eu sei a oração pra benzer a doença do ar, que a gente pega aquele derrame. Eu tenho essa oração e corto abaixo de Deus, porque as minhas orações tudo é Deus. Eu faço aquela fé em Deus e eles ficam *bom*, e eles acham muito bom comigo, e é assim...

Eu comecei a puxar numa pessoa, e hoje em dia, se chegar comigo, aí eu digo a *dismintidura*. Assim a *dismintidura* vai pro lugar. Eu benzo, e a pessoa fica boa. Isso foi feito por Deus, porque nós nascemos. A gente que somos *filho* de Deus, ele dá um dom pra todos nós. Agora, pra um dá de um jeito; pra outro, de outro jeito, mas pra tudo ele dá um dom.

SEU GALDINO CASTRO, O SONHO E O PANEIRO DIFERENTE

Aldeia Muratuba, rio Tapajós (Santarém) – faleceu em 2016.

O meu trabalho mesmo é mais de *teçume* com cipó do mato: paneiro,⁶¹ jamanxim,⁶² esteira grande pra gente deitar em cima. Eu sei fazer cesta de todo tipo. E trabalho com cigarro, pra defumar as crianças e os adultos mesmo que *tão* doente; eu defumo também. Esse negócio de defumação, vou soprar um cigarro de tauará pra fazer defumar. Defumo criança; crianças ficam *bom*. Às vezes *venham* me chamar pra eu defumar, eu não vou porque é de noite, e de noite é ruim pra gente *tá* andando no escuro, ainda mais àquela hora da noite.

Mas esse aprender foi da minha autoria mesmo, não fui *aprendista* não. Eu fui fazendo, experimentando... Deu certo, *né?* Faço essas coisas aí, e outras coisas mais que eu entendo de fazer, eu faço. Que graças a Deus

⁶¹ Paneiro: cesto feito de talas de bacaba, caraná, tucumã ou outra palmeira. Faz poucos anos a farinha de mandioca era comercializada em paneiros, antes da popularização dos sacos de fibras sintéticas. Continua vivo o costume da confecção e do uso de paneiros para carregar mandioca ou outros produtos nas costas, presos ao corpo por fibras de envira.

⁶² Jamanxim: palavra indígena para um tipo de cesto feito de cipó ambé, também de origem indígena, usado normalmente por homens no trabalho na roça ou na caçada. Eles prendem o jamanxim ao corpo (inclusive à cabeça) com fibras da entrecasca da árvore envira. Diferentemente do paneiro ou uaturá que são grandes cestos fechados nos lados, o jamanxim tem uma abertura na parte de trás, o que permite que comporte bastante carga.



eu sou um camarada que o que eu vejo fazer eu aprendo; ninguém me ensinou nada nessa vida. Sei da minha teoria mesmo.

Até no meu sonho, *ontonte*⁶³ eu *tava* dizendo pra minha velha: “Velha, eu vou no mato buscar cipó pra fazer paneiro, que veio uma pessoa dizer pra mim que é pra *mim* fazer paneiro diferente desse que eu faço. E eu *tô* com isso na minha cabeça [...], eu *tô* aqui mas *tô* imaginando buscar o cipó pra fazer o paneiro que vieram me ensinar no meu sonho; pra *mim* fazer o paneiro diferente desse que eu faço. E eu *tô* com aquilo na cabeça. [...] amanhã, se não chover, eu vou no mato buscar o cipó, eu vou fazer. E aí dá de levar até de Santarém pra vender, porque é bonito esse que vieram me ensinar no meu sonho. É diferente do que eu faço.”

⁶³ Ontonte: anteontem. Quando a pessoa se demora na pronúncia da sílaba “ton” (ontoooooonte) significa muitos dias antes, e se ela diz *três ontonte* significa muito mais tempo atrás, meses talvez.

Esse que eu aprendi foi da minha autoria mesmo, não foi ninguém que me ensinou.

Essa pessoa que vem no sonho e me fala pra *mim* fazer o paneiro diferente do que eu sei fazer, eu não conheço não. Agora, sei lá quem é que veio lá dizer, *né?* Sei que eu me acordei com aquilo na cabeça, imaginando... Eu sentei na rede, *tava* imaginando lá. De manhã cedo, antes de levantar pra fazer o café, eu contei pra minha velha. Ela disse:

“Então, cuida! Aproveita enquanto venham te ensinar de lá. Quem sabe não vem outras pessoas te ensinar, dizer pra ti alguma coisa no teu sonho.”

SEU MARTINHO OLIVEIRA, REZADOR, GENTE QUE SABE ORAÇÃO

Rezador na aldeia Santo Amaro (Santarém), no rio Tapajós.

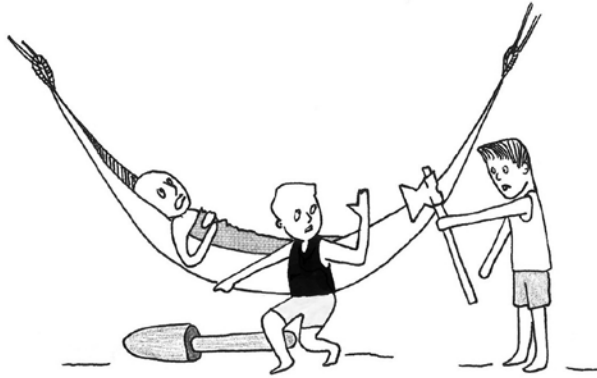
Sabe aquela pessoa que sofre, sofre, sofre, muito antes de morrer? Pois é, tem que pegar a *mão de pilão*⁶⁴ colocar debaixo da rede dela. Quando não tem jeito mesmo, pega o machado e põe também embaixo da rede daquele sofredor. E pronto, ele vai embora.

A mão de pilão serve como um cacete, a mesma coisa do machado. Vamos dizer, “vamos matar um boi!”. Tem gente que não sabe onde está a morte do boi. Ele pega o machado e salta entre o chifre do boi e “brum”. E a mão de pilão também serve de armamento. Por isso que põe embaixo dessas pessoas que *sabem oração*.⁶⁵ Ele padece muito. Tem oração



⁶⁴ Parte do pilão que serve para socar e quebrar grãos. A mão do pilão consiste em um pedaço firme e pesado de madeira, longo e com uma espessura que possa ser segurado com as duas mãos.

⁶⁵ Uma pessoa que “sabe oração” é alguém que conhece e usa os poderes sobrenaturais ligados a uma fórmula mágica, uma *oração*. Há um mistério sobre isso nas aldeias e *comunidades*. Mas suspeita-se que algumas pessoas “sabem oração”. O que significa que elas têm mais sorte na caça, na economia ou no amor. Porém, é sabido que tais pessoas têm muita dificuldade para morrer. E somente um especialista pode *cortar* o poder dessa oração. Só depois disso a pessoa poder morrer.



que, se não tiver quem cortar, ele vai sofrer muito. Depois que chegar pessoas pra cortar essa oração, ele vai embora.

Não sei essa oração. Mas quem sabe precisa ensinar, pra que ele não leve na hora que ele mudar de vida.

Aconteceu com seu Fuscão e com mais um vizinho que sofreu, sofreu, sofreu; morria e voltava, morria e voltava. Quando tem uma pessoa sofrendo assim, que vai e volta, tem que buscar a pessoa pra rezar. Aí, pronto, morre.

DONA MATICA, A MULHER QUE PARTEJOU NO ENCANTE

Geralda Sousa da Costa⁶⁶ da comunidade de Carapanatuba (Santarém), região do Aritapera (várzea).

Dona Matica⁶⁷, era uma parteira muito boa, pra todo lado iam buscar *ela* pra partejar as mulheres. Ela morava sozinha. Tinha morador *dum* lado e do outro, e tinha a casa do filho dela bem pertinho, mas ela morava sozinha na casa dela.



⁶⁶ Os relatos de dona Geralda Sousa da Costa, Maria Gracineide da Silva e dona Luiza Menezes foram coletados em 2011 por Fabíola Pinheiro durante a pesquisa de campo para o trabalho de conclusão de curso (TCC), sob orientação da professora Luciana Gonçalves de Carvalho (SOUSA, 2013). Somos gratos pela gentileza de terem compartilhado estes ricos depoimentos que complementam tão bem o conteúdo geral deste livro.

⁶⁷ Dona Geralda está contando a história da Dona Matica, e não falando de uma experiência própria.

Quando foi uma noite, ela escutou zoadada de remo na beira da canoa: “vrou, vrou” [barulho da canoa]. Aí, ela ficou escutando. Ela sentiu que parou no porto da casa dela. Ela ouviu aquele homem chamar *ela*: “Dona Matica! Dona Matica!”

Na terceira vez, ela respondeu, aí ela abriu a janela, foi olhar o homem que tava chamando *ela*, falando pra ela ir partejar a mulher dele que ela tava com dor pra ter filho. Ela perguntou pra ele quem ele era, ele disse o nome, mas ela não entendeu muito bem; e pra onde era o lugar, também ele falou, mas ela não entendeu bem o que ele disse. Ela não tava querendo ir porque era tarde da noite — era umas 11 horas mais ou menos —, mas ela foi, e não disse nada pro filho.

Quando ela disse que ela ia, ele baixou primeiro que ela. Depois ela foi atrás; se arrumou e foi. Ela chegou lá na beira, tinha dois homens na popa da canoa, atrás, e esse que foi em terra chamar *ela* já *tava* sentado lá na *proa*, tudo de chapéu na cabeça. E o banco tava limpo lá pra ela sentar. Quando ela chegou lá ela percebeu que a canoa era feia e o remo também era feio, mas ela foi. Aí, eles remaram muito e pararam; ela não viu casa nenhuma lá onde eles pararam. E aí, ele disse pra ela: “Feche seu olho!”, ela fechou. Com um pouco, ele disse: “Abra seu olho!” Quando ela abriu o olho dela, ela já *tava* numa casa muito bonita, tudo que tinha lá era ouro, de peixe, pendurado pela parede. Ele brilhava e ficava claro, parece lâmpada. E aí, ela ficou cismando que aquilo só podia ser encanto de boto. Ele levou *ela* pra mulher que tava esperando filho. Era uma cama muito bonita, grande, e ela começou a puxar na barriga dela.

Ela levava os remédios dela pra fazer os negócios dos trabalhos nas mulheres, e começou a puxar na barriga dela, e aí a mulher disse: “Puxe a minha *costa* aí, dona Matica”.

Ela disse: “Então, vira de lado.” Ela foi puxando, puxando na *costa* dela, e achou um arpão de pescador afincado na *costa* dela. Mas era uma mulher grande e loura, com um pano embrulhado na cabeça. E ela disse: “Mas olha o que *tá* doendo na sua *costa*! É isso aqui que *tá* afincado na sua *costa*.” Ela disse: “Então, tire!”.

Aí, foi pelejando. Quando ela amolecia, a mulher se torcia de dor. Daqui, dali, ela deu um puxão com força que arrancou com um pedaço de carne com o arpão. Aí, ela cismou mesmo que aquilo não era gente, era boto, e ela mostrou pra mulher o que *tava* doendo na *costa* dela.

Deixou lá e foi puxar na barriga da mulher pro filho nascer, mas era mulher, naquela hora era gente, e nasceu o filho. A criança era normal, era fêmea. E o homem daqui, ali, *tava* passeando por lá, esse que foi em terra chamar ela.

Ela ajeitou tudinho por lá e disse: “Olhe, o senhor já pode me levar, que já *tá* tudo ajeitado. Já nasceu a criança e *todos* dois tão bem.” E aí ele perguntou: “Quanto é que custa o seu trabalho?”.

Ela disse: “Olha, meu senhor, eu não cobro nada. Quando eu vou por aí eles me dão o que eles querem, eu não cobro.” Ele saiu assim pra um escondido e veio de lá com um dinheiro, ela viu que era dinheiro naquela

hora, ela não reparou quanto era, só fez meter no bolso e “*vumbora, vumbora!*”. Na hora de sair ele disse pra ela: “Fecha teu olho!” Ela fechou. Com pouco, ele disse: “Abra teu olho!” Quando ela abriu o olho dela, ela já estava dentro da canoa de novo, os dois atrás, ele lá na frente e o banco no meio pra ela sentar. Aí, remaram, remaram. Pelo tempo que ela calculou já era bem uma da madrugada mais ou menos. Eles não falavam nada.

Quando chegou, ela saiu, eles voltaram. Ela subiu. Aí, foi tomar um banho, mudar a roupa. Deitou na rede, nem dormiu mais, só pensando na viagem, pra onde ela foi, o que ela viu. Nisso, amanheceu o dia. Quando ela foi ver o dinheiro que ele tinha dado, não era dinheiro, era só folha seca de pau. Ela foi contar pro filho pra onde ela tinha ido e o que ela tinha visto. O filho ralhou com ela, e ela disse: “Mas se tudo por aí eu vou, eu não queria ir, mas eu fui”.

MARIA GRACINEIDE DA SILVA, QUEM NÃO TEM DOM E NÃO QUER TRABALHAR, TEM QUE ENDIREITAR

Nasceu em 1956 na comunidade de Cabeça D'onça (Santarém), região de Aritapera (várzea).

No tempo que eu morava com meus pais, na minha infância, umas das coisas que mais aconteceram na minha vida foi uma enfermidade muito grande, que eu não podia nem sair de casa. Quando eu saía era o meu avô que ia me buscar lá pro Surubim-Mirim. Quando eu ia pra lá, que chegava na parte do Amazonas pra banda da Chivita [?], aí começava uma dor no estômago. Eu ficava em desespero, e ele voltava comigo. Meu pai ficava agoniado.



Nesse tempo, mais era curador que tinha. Aí, me levou lá, e me ensinaram remédio e me davam. Diziam que era negócio de encosto que tinha comigo. Quando dava aquela coisa, eu ficava sem fala, ficava assim... sem saber de mim. Quando foi um dia, eles fizeram um trabalho e me proibiram um ano sem sair de casa. Eu ficava em casa, só saía de dentro da cozinha pra *vim* pro terreiro, era proibida, não podia sair pra nenhum canto. Até o peixe pra mim tinha de ser escolhido. E eu passei, mas confiando no Senhor em nome de Jesus, com muita oração, e pedia pra Deus pra ele ter misericórdia. O remédio eu fui tomando e aquela coisa sempre me *aperreando*.

Quando foi um dia, meu avô veio, eu já *tava* bem melhor. Ele me levou pra lá, passei dois dias pra lá e não aguentei. Eu gritava, desesperada de tanta dor no estômago, era uma dor que queria me acabar. Quando foi um dia, meu pai disse: "Mas eu vou fazer remédio pra minha filha." O remédio que ele fez, botou tanta coisa, casca de pau, mas em nome de Jesus aquele remédio foi tão abençoado que o meu pai me deu, que até o dia de hoje eu não soube mais o que foi dor no estômago.

Quando ele foi lá no curador, ele disse que eu vivia assim porque era pra *mim* ser médium de nascença, mas eles não me levaram pra endireitar a linha, e eu não aceitava. Eu não queria mesmo não, e minha mãe também não quis. Mas eu fiquei boa, graças a Jesus. Ele dizia que não era pra eu sair de casa porque era pra eu ser médium de nascença. E os espíritos ficavam me perseguindo, e eu não queria. Só que diziam que era de bem,

porque Deus deu dom pra todos, mas só que eu ficava com medo, eu já tinha medo de sair de casa.

Apareceu um senhor. Ele falou lá com ele, e ele disse que me botava boa. Ele perguntou se eu queria trabalhar pra fazer trabalhos pras pessoas, quando chegassem precisando de mim, ou se eu queria que ele endireitasse minha linha pra não ficar... O papai não quis, ele mandou que endireitasse. O papai ainda deu até um farol pra ele, e ele disse que não queria nada assim. Aí, ele endireitou, ele fez uns cinco trabalhos. Endireitar é fechar o corpo, por causa *que* ele dizia que o meu corpo *tava* aberto. Depois que fecha o corpo nada mais acontece.

Ele fazia o trabalho, chamava os mestres dele. Ele tinha o dom também que Deus deu pra ele, e esse dom ele dava os nomes dos mestres. Tinha um que era o Zé Pretinho, tinha outro que era Zé Mineiro, e *tinha* outros que ele dá o nome deles. Ele chamava os mestres dele e fez o trabalho. Ele endireitou e fechou meu corpo. Ele me ensinava banho, defumação. Aí, eu fazia os banhos, ensinava os banhos todinhos, os ingredientes. Eu fazia tudinho. Depois ele me ensinava a defumação. Ele passou uns remédios, apertou meu corpo e fechou meu corpo.

Desde esse tempo, graças a Deus, até o dia de hoje, aí pronto! Posso sair pra onde for, posso andar, enquanto isso eu não podia sair de jeito nenhum, não podia sair mesmo. Se eu saía daqui *prali*, as coisas me aperreavam mesmo. Parece que é 12 irmãos. Isso acontecia comigo

e com uma outra irmã que morreu, era a Sofia. Ela era pra ser médium também de nascença, eles aperreavam muito ela. Ela morreu na idade de 10 anos.

Esse dito curador que me curou disse que o dela era mais forte, aí não tinha como endireitar, ela tinha que trabalhar. A mamãe não se incomodou, e com a idade de 10 anos ela morreu. A desculpa dela ter morrido é que ela tinha comido um pedaço de manga. E aí, a mamãe tava fazendo um mingau de arroz com leite, e a mamãe deu um copo de mingau de arroz com leite pra ela e eu também tomei. Aí, deu essa dor no estômago nela nessa hora, que foi a desculpa da morte dela, esse copo de mingau com leite. Com 10 anos de idade ela faleceu.

É por isso que eu digo, “olha, vocês não facilitam”.

DONA LUIZA MENEZES, A DAMA PREDILETA DOS BOTOS

Nasceu em 1954, na comunidade de Surubim-Açu (Santarém), região de Aritapera (várzea).

Quando eu parava com meus pais me aconteceu uma coisa verídica, porque eu fui judiada pelos botos. Aqueles botos se representavam igualmente uma pessoa pra mim. Eu enxergava ele, todo de branco. E eu chamava a minha gente pra me *acudirem*. O rosto dele era igualmente o nosso, igual de um homem mesmo, ele se representava de chapéu, vestido de branco. Eu dizia que queria ficar com os meus pais, que não queria ir. Eu tinha parece que 10 anos.



Eu fiquei bem dizer quase maluca. Eles chegavam comigo, que eles queriam me levar, eu dizia que não, que eu não queria ir. Quando foi um dia, eu pedi pra um irmão meu que me tirasse de lá de onde eu estava, porque eles iam me levar.

Tinha um senhor do outro lado do Surubim-Açu que ele era curador, o nome dele era Neris. Foram lá, e ele disse que era judiaria de bicho. Se eu não procurasse as minhas providências de me tratarem, eles tinham me levado, porque eu tava muito baqueada, e a fraqueza só quer um pezinho. Ele disse que era pra me levarem na casa dele, e me levaram. Aí, ele foi fazer o tratamento em mim.

Isso aí aconteceu comigo e eu peço que não aconteça com ninguém. Até que esse homem, graças a Deus, ele me tratou, e aí eu fiquei bem dizer boa. Esse homem me curou com banho, era mucuracaá, cipó-d'álho, pinhão roxo, essas coisas assim, que sempre passam pra gente. A defumação é alho, mucuracaá, cipó-d'álho, envirataia, breu. Tanto faz o banho quanto a defumação, são das mesmas coisas. Eu sempre digo pra essas gentes: "Olha, eu tô na idade que eu tô, mas eu não me esqueço do que aconteceu comigo." Eu não era tão grande, mas ninguém queira passar o que eu passei.

Depois, eu não facilitei. Eu tinha medo e tenho até agora. Eu tenho medo de boto! Quando nós morávamos em outra casa, ele saiu pra pescar, aí eu fiquei, uma hora dessa [aproximadamente seis da tarde], eu disse assim: "Mas eu já vou tomar banho." *Tava* eu com ela [sua filha Rosimary].

Quando eu vi, aquele cardume de boto chegou em baixo do assoalho, aí eu disse: “Meu Deus!” Eu gritava pelo avô dela, gritava, gritava, até que ele veio, que ele *tava* lá pra trás, pescando. E depois, tornou a aparecer de novo; eles tornaram *vir*, foi preciso ele dar um espanto pra poder eles pararem de perseguir.

Eu digo: “Olha, ninguém facilita...” Dizem que boto não judia de ninguém, eu digo, ele pode até não judiar, mas da feita que ele se encanta por uma pessoa ele só sossega depois que ele leva. Por isso que eu digo, “não facilitam!”.

Esse curador que trabalhava ali pro outro lado, a mulher dele ainda tá viva até agora, o filho dele... Quando era de noite, as mulheres apareciam lá, que iam buscar *e/e*. Foi que ele conseguiu ser dominado por elas. Porque ele disse que não ia morrer, ele ia pro fundo, pro encanto. Assim dizem, que ele ficou no encanto. Diz que no fundo do rio é muito bonito, a maior riqueza que tem, é só ouro. Diz que o banco deles lá no fundo é só ouro, assim dizem, porque eu não vi, eu não fui pro fundo, o que aconteceu comigo foi tudo por cima da terra. Mas os que contam, que diz que iam no encanto, dizem que é muito lindo, os bancos é tartaruga só de ouro, os bichos de lá é só ouro.

Depois que eu já tava casada, o meu marido viu como eu fiquei, fiquei quase maluca, foi a mesma arrumação que aconteceu comigo. No tempo do frei Lucas ainda, nós fomos na Cabeça d’Onça, fomos levar as crianças pra tomar vacina. Quando nós chegamos lá na boca

da Cabeça d'Onça eu senti uma grande dor na cabeça, aí eu disse pra ele que eu não tava mais aguentando com dor na cabeça, "parece que eu tô maluca".

Chegamos na casa da tia dele, paramos lá, aí eu disse pra uma das filhas dele que eu tava com muita dor na cabeça, aí ela disse assim: "É bem da quentura." Eu disse: "Mas não, isso não é de quentura, é uma dor muito enjoada, muito ruim."

Olha, parece que eu passei uns sete dias no fundo da rede, e os botos vinham assim... Na frente da casa, onde tinha umas cuieiras, eles não paravam de boiar. Era um em cima do outro boiando, e era assobio, era assobio. Tinha um senhor que ele entendia dessas coisas, aí ele foi buscar ele pra ir me benzer. Ele disse: "É judiaria de bicho."

Eu tinha chegado pra lá e parece que lá tem um encante. Foi isso que aconteceu comigo. Ele disse que *foi* eu que passei atrás de umas mulheres que *tavam* menstruada e aconteceu. É por isso que eu digo: "Olha, vocês não facilitam, por que aqui em cima da terra vocês tão enxergando o que *tá* na frente de vocês. Agora vocês não enxergam o que tem no fundo, vocês sabem o que tem neste rio aqui? Ninguém sabe, né?"

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Renan. A percepção do sobrenatural e os mitos de Parintins. *Amazônia Real*, 1/2/2016. Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/a-percepcao-do-sobrenatural-e-os-mitos-de-parintins/>>. Acesso: 27/4/2016.

ANJOS, Eracildo Silva dos. *A pajelança na cidade: um estudo sobre a atuação dos curadores no bairro do Maracanã em Santarém*. 2008. Monografia (Especialização em Ciências da Religião) - Curso de Especialização em Ciências da Religião, IESPES, Santarém, 2008.

ARENZ, Karl Heinz. *A teimosia da pajelança: o sistema religioso dos ribeirinhos da Amazônia*. Santarém: Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS), 2000.

ARENZ, Karl Heinz. *São e salvo — a pajelança da população ribeirinha do baixo Amazonas como desafio para a evangelização*. Quito: Abya Yala, 2003.

BOTELHO, J. B., COSTA, H. L. da. Pajé: reconstrução e sobrevivência. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 927-956, out.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13n4/08.pdf>>. Acesso: 19/4/2016.

CARDOSO, Manoel. Aluna da Ufopa relata medo e pânico após se perder na Flona Tapajós. *O Impacto*, Santarém (PA), 8/4/2016, p. 18.

CARVALHO, Luciana Gonçalves (Org.). *Tessume de histórias: os trançados do Arapiuns*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2011.

CARVALHO, Luciana Gonçalves; VAZ FILHO, Florêncio Almeida (Coord.). *Isso tudo é encantado*. Santarém: Ufopa, 2013.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. Índios cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653-1769). 2005. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, IFCH, UNICAMP, Campinas, 2005.

CAVALCANTE, Patrícia Carvalho. *De "nascença" ou de "simpatia": iniciação, hierarquia e atribuições dos mestres na pajelança marajoara*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, FCS, UFPA, Belém, 2008.

COSTA, Iracema Silva. *Mulheres benzedoras em Belém (PA): relações e gênero e trajetória religiosa*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, CCSE, UFPA, Belém, 2014.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade no Brasil colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ELIADE, M. O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1951] 2002.

FERREIRA, Deomarina Cardoso; FREITAS, Ediane do Carmo. A arte de partejar. In: SCHAAN, Denise Pahl; PACHECO, Agenor Sarraf; BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). *Remando por campos e florestas: memórias e paisagens dos marajós*. Rio Branco: Gknoronha, 2011. p. 135-138.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, baixo amazonas*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1952]1976. (Col. Brasileira, 284)

HARRIS, Mark. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAM, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (Orgs.). *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 81-108.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550 - 1800*. Petrópolis: Vozes, 1974.

IORIS, Edviges Marta. *A Forest of Disputes: Struggles over Spaces, Resources and Social Identities in Amazonia*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade da Flórida (USA), Flórida, 2005.

JENNINGS, Erik. Mais pajés, menos médicos. *Vox S/A*, Santarém (PA), ano III, edição 13, p. 62-63, mar. 2016.

LIMA, Karla. *"Não me desesperei", diz universitária que ficou 16h perdida na floresta*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2016/04/nao-me-desesperei-diz-universitaria-que-ficou-16h-perdida-na-floresta.html>>. Acesso: 21/4/2016.

MAUÉS, R. Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Belém: CEJUP, 1995.

MAUÉS, R. Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. *pajelança e encantaria na Amazônia*. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Pallas: Rio de Janeiro, 2004. p. 11-58.

NOGUEIRA, Wilson. *Festas amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé*. Manaus: Valer, 2008.

SOUSA, Fabíola. *Histórias Encantadas de Aritapera*. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal do Pará, Santarém, 2013.

SOUSA, Maria Páscoa Sarmiento de; FREITAS, Alice Rodrigues de. *Ofício das matas e das águas: sabedoria e medicina caboclas em Salvaterra*. In: SCHAAN, Denise Pahl; PACHECO, Agenor Sarraf; BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). *Remando por campos e florestas: memórias e paisagens dos marajós*. Rio Branco: Gknoronha, 2011, p. 139-147.

TASSINARI, Antonella. *Xamanismo e catolicismo entre as famílias karipunas do rio Caripi*. In: WRIGHT, Robin (Org.). *Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 447-478.

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

VAZ FILHO; Florêncio Almeida. *Indicadores de sustentabilidade de comunidades ribeirinhas da Amazônia oriental*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Agricultura) - CPDA, UFRRJ, Rio de Janeiro, 1997.

VAZ FILHO, F. de A. *A emergência étnica de povos indígenas no baixo rio Tapajós, Amazônia*. Tese (Mestrado em???) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

VELHO, Otávio. Sete teses equivocadas sobre a Amazônia. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, p. 31-36, 10 nov. 1983.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3 ed. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, [1953]1988.

SOBRE OS AUTORES

ELOANE JANAY DOS SANTOS PICANÇO

Estudante de Antropologia na Ufopa e bolsista no projeto Memórias da Cabanagem (Plano de Cultura da Procce).

Atualmente resido em Santarém (PA), mas sou natural da cidade de Alenquer. Minha relação com as histórias deste livro são bem próximas, pois desde criança ouvia meus avós contarem que no interior de Alenquer aconteciam “certas coisas” que necessitavam de um *curador* ou pajé para que a situação se normalizasse. É o caso, por exemplo, de mulheres que engravidavam de boto. Diante de tantas histórias que eram contadas para mim e para meus primos, e de tão reais que elas pareciam (ainda que fossem em parte criadas pela minha imaginação), eu não poderia ser indiferente ou cética. Apesar do passar dos anos e de as histórias que antes eram muito presentes na minha infância terem caído no esquecimento, hoje me encontro novamente diante delas.

Minha família — em especial as pessoas mais velhas que tiveram uma relação mais próxima com essas crenças — até hoje pensa nesses termos e segue essas práticas. Tenho tias e tios que benzem e puxam, e até parteiras descobri recentemente na família. Por mais que muitos sejam incrédulos com essas coisas, a procura por essas pessoas nunca diminuiu. Até hoje, crianças de colo são levadas para a benzição contra o quebranto, pessoas *dismetidadas* os procuram para serem *puxadas*. Eu mesma, quando pego alguma *dismetidura* ou sinto uma febre sem explicação, vou lá para me *consertar*. Eles têm seus remédios — geralmente são banhas de animal

— e suas orações que, com a fé que cada um possui, conseguem resolver o problema.

Cada personagem deste livro traz consigo suas experiências das mais variadas, cada uma com sua peculiaridade e originalidade. Histórias que foram construídas ao longo de muitos anos de prática e aprendizado. Há personagens marcantes, como seu Laurelino e dona Santana, que nos enriquecem com tanta sabedoria. É importante ressaltar um ponto essencial desses *curadores(as)*, *benzedores* e *parteiras*: a fé em Deus. Em todos os depoimentos obtidos, Deus está presente. É dele que esses praticantes tiram forças para benzer e curar, como já foi conferido em outros contextos por Maués (1995, p. 310): “[...] a fonte dos poderes dos encantados [...] é Deus. É Ele quem dá poder aos encantados [...], capazes de produzir o dom xamanístico [...]”

Essa crença em Deus, muitas vezes por falta de conhecimento, é julgada erroneamente e até de forma preconceituosa. O preconceito faz parte da vida desses praticantes, como se pode ver nos relatos de alguns pajés. É importante destacar também que, ainda segundo eles, essa prática é feita somente porque eles receberam o *dom* de Deus. Portanto, está mais que explícita a relação deles com as forças divinas.

É com o objetivo de resgatar essas práticas, e em particular as histórias por trás de cada uma dessas pessoas, que nos debruçamos intensamente nos relatos de cada personagem. Nossa crença e nossa vivência (dos bolsistas) também foram fatores de grande importância

para que a verdade de cada depoimento fosse impressa sem que deixasse de ser fiel ao original. E junto com uma equipe, orientada pelo professor Florêncio Almeida Vaz Filho, “encerramos” uma parte deste tão rico material etnográfico.

FABIANA DE ALMEIDA COSTA

Estudante do curso de Pedagogia e bolsista do projeto A Hora do Xibé (PIBEX).

Nasci no Curucuruí, uma aldeia dos Borará rodeada de muitas histórias de curupira, pai e mãe da mata e de igarapé; do *veado torto*, de pessoa que se *ingera*; gente que invocava os espíritos do mato, feitiçaria, olhar de bichos em crianças e adultos; visagens, *encantados* e rodas de pajelança. Venho de uma descendência familiar de pajés, *sacacas* e parteiras por parte de pai e mãe. Meu avô, pajé Xereba, e seus irmãos, pajé Esibinho e o pajé Satuca — três irmãos pajés — todos já nasceram com seus dons. Todos eram filhos do Curucuruí. Minha família, por exemplo, festeja, por devoção, a festa de São Tomé, padroeiro protetor das roças. Esse santo de devoção atravessou gerações de famílias na região, iniciada pelo pai do meu bisavô, também chamado Xereba, e foi levado adiante pelos filhos e netos. Estes realizam os mesmos rituais religiosos, incluindo o ritual da mãe da roça, como parte dos festejos na aldeia de Curucuruí.

As leituras dos textos dirigidos pelo projeto A Hora do Xibé foram centrais para reviver minhas lembranças sobre as histórias indígenas do

povo Borarí. Contudo, foi durante o processo de transcrição das entrevistas do acervo do projeto e das que realizei junto aos líderes, pajés, caciques e tuxauas, para compor este livro, que esses temas ganharam ainda mais importância para mim. Além da teoria, a vivência dessas pessoas, com toda a sua carga de sentido e emoção, foi essencial para transformar minhas lembranças pessoais em conhecimento.

Sem dúvida, o produto textual construído e organizado reflete meu cotidiano na aldeia, pois os relatos que ouvi dessas pessoas representam, com sua riqueza de detalhes, o notório saber da cosmologia indígena da nossa região. Outro aspecto importante a se ressaltar é a familiaridade que encontrei nas histórias de pajés, *puxadores*, *benzedores*, *parteiras*, *encantados*, interpretadores de sonhos, além da fé e devoção pelos santos, que marcam minha trajetória.

Os textos com as histórias, por exemplo, do seu Laurelino e do seu Zormar, revelam como eles descobriram a espiritualidade e como se prepararam para aceitar o *dom*. Isso pareceu tão próximo da minha vida que, hoje, posso afirmar que esses relatos me ajudaram a encontrar comigo mesma e entender minha vida dentro desse contexto de pajelança e relação com os espíritos. Com muito orgulho declaro publicamente que, agora, posso falar livremente sobre esse meu lado espiritual e das práticas de pajelança que sempre tentei esconder dentro de mim, pois me sinto feliz e pronta para assumir o dom dos meus ancestrais Borarí.

FLORÊNCIO ALMEIDA VAZ FILHO

Professor no Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA/Ufopa) e vice-coordenador do PEPCA/Ufopa.

Nasci e passei minha infância em Pinhel (município de Aveiro, no Pará), na margem esquerda do rio Tapajós, uma das mais antigas aldeias indígenas na região. Desde cedo convivi com as histórias e crenças ligadas ao mau-olhado, à *panema*, aos assombrados e à ação dos *encantados*. Conheci os *pajés*, *benzedores* e *puxadores*, aos quais meus pais, meus irmãos e eu mesmo recorremos muitas vezes. Minha mãe teve seus 10 filhos todos por parto natural, e contou, é claro, com a ajuda das parteiras. Era impensável, naquela época, um parto sem uma experiente parteira. Assim, nada do que diz respeito às crenças e práticas do que chamo aqui de pajelança me é estranho. Isso tudo para mim é muito familiar e faz parte do meu mundo.

Depois, estudei filosofia e teologia, tornei-me frade franciscano, fiz graduação em Ciências Sociais (UFRJ), mestrado em Desenvolvimento e Agricultura (CPDA/UFRRJ) e doutorado em Ciências Sociais/Antropologia (PPGCS/UFBA), sempre estudando a história, o modo de vida e a cultura das *comunidades* do interior do baixo Tapajós. Logo deparei com a discriminação sobre esse nosso modo de pensar. E isso reforçou minha escolha de fazer dessa questão um dos objetos dos meus estudos.

Além do campo dos estudos, sou um militante da causa da reorganização indígena das nossas aldeias. Em 1997, junto com alguns amigos,

criei o Grupo Consciência Indígena (GCI), que muito tem ajudado no processo de valorização da identidade indígena, da língua nheengatu e da sabedoria tradicional. O GCI também tem contribuído decisivamente na reorganização étnica indígena na região.

Em janeiro de 2017, na Rádio Rural de Santarém, criei o programa A Hora do Xibé, com o objetivo de valorizar a história e a cultura dos povos indígenas e das *comunidades* ribeirinhas. Uma das marcas do programa é colocar no ar relatos dos próprios moradores sobre seus mitos, suas crenças e sua sabedoria tradicional. Todos esses relatos falam de alguma forma dos pajés, mas sempre no sentido de reconhecer sua importância e seu valor.

Nos últimos anos, elaborei e ainda coordeno, no âmbito do PEPCA, o Projeto de Extensão A Hora do Xibé, que tem envolvido vários estudantes de graduação nessa realidade-comovisão que, apesar de estar muito próxima da cidade de Santarém, ao mesmo tempo parece muito distante. São esses bolsistas que estudam a temática, viajam para as aldeias e *comunidades* para coletar relatos e os divulgam no programa de rádio que tem o mesmo nome do projeto. Tem sido prazeroso ver esses jovens, que em sua maioria são oriundos das aldeias ou *comunidades* quilombolas e ribeirinhas, redescobrirem esse mundo que é seu, mas que antes era olhado com certo menosprezo ou até vergonha.

LUANA DA SILVA CARDOSO

Estudante de Antropologia e bolsista do projeto O Sabor e a Arte do Povo Kumaruara (Plano de Cultura da Procce).

Falar sobre minha trajetória é falar de lutas, conquistas e desafios que estudantes indígenas enfrentam ao entrarem nas universidades pelo sistema de cotas. Nasci em 1986, em Belém (PA), de uma linhagem matriarcal Kumaruara, povo indígena que vive na aldeia Solimões, na terra indígena Kumaruara no baixo rio Tapajós. Foi lá que morei durante a infância, em um lugarzinho chamado Canta Galo.

Em 2012, ingressei na Ufopa pelo Processo de Seleção Especial (PSE) indígena, no curso de Antropologia. Pensei nesse curso para tentar “entender” essa dinâmica de mudança que acontece entres os povos nas aldeias. Para minha surpresa, deparei com muito preconceito dentro da universidade. A começar pelo espanto dos outros quando eu dizia “sou indígena”, e isso tanto de colegas de sala como professores, o que perdura ainda hoje. O espanto não é outro senão pelo fato eu não ter o estereótipo de “índio”.

Sofri preconceito até por ser Kumaruara, já que minha etnia é pouco numerosa no baixo Tapajós. Porém, isso não me esmorecia, pois tudo que vivi com meus avós e minha bisavó era mais forte e era onde eu me apoiava ao afirmar minha originalidade. Minha bisavó falava outra língua que não era o português. Era língua de índio. Na minha vivência na aldeia, ia pescar com minhas irmãs, meus primos e meu avô. Era intensa a relação

gente-natureza. Nós tínhamos de pedir permissão para entrar no rio, cuidar para não ficar *panema* e nem ser *judiado*.

Na caçada e na entrada na mata também existem regras que tem de ser respeitadas, como pedir licença ou deixar um *agrado* para curupira e outros protetores da floresta, a fim de fornecerem a caça ou não *judiarem* (fazendo a gente se perder na mata). No território Kumaruara há árvores sagradas, que, pela nossa tradição, uma delas é a árvore de cumarú. Segundo a história dos mais velhos, viemos da origem do cumarú. Meu próprio avô se chamava cumarú. Gente de fora não conhece e não sabe como funciona essa dinâmica. Tudo isso aprendi com meus velhos. Isso está em mim.

Ao entrar na universidade, percebi que queriam negar minha identidade indígena. Trata-se de um dos principais desafios enfrentados aqui dentro por todas as etnias do baixo Amazonas, que por anos foram colonizadas. É um desafio ocupar espaços. Precisamos enfrentar isso e avançar. Precisamos superar isso e *chegar mais junto*, fazendo valer a voz dos indígenas. As dificuldades acontecem no dia a dia, mas isso não é motivo para desistir. Como, por exemplo, o professor que chegou a me dizer que eu precisava escolher entre a universidade e o movimento indígena. Não posso virar as costas para o movimento, pois foi com essa luta que garantimos o ingresso dos indígenas na universidade. Isso é compromisso, é uma responsabilidade. Os professores não sabem desse sentimento, nunca viveram isso. O que falta para os professores é respeitar. Respeitar não é se impor, é saber compreender.

Mesmo p Saber ceder, saber amar, É saber cada um de nos carrega consigo... assando por vários casos de preconceito e discriminação dentro da universidade, isso só me fortalece. Em muitas vezes eu não falei nada; em outras, eu recuei para não bater de frente. Busquei outras estratégias para estar ali participando, abrindo mais o caminho, até que as pessoas começaram a me identificar, porque a mulher Kumaruara é assim, aguerida, lutadora. Muitas vezes somos nós que definimos as lutas. E dentro da universidade há muitas mulheres indígenas no anonimato.

No período entre 2012 e 2013 comecei a ser voluntária em um projeto porque queria saber como ele funcionava. Em 2014, escrevi um projeto para trabalhar na minha aldeia, que foi vinculado ao projeto A Hora do Xibé, que me permite desenvolver esse trabalho com muito gosto. Tenho prazer em ouvir e recontar as histórias dos parentes, das vivências e das sabedorias dos velhos. Percebo que existe um interesse enorme dos povos tradicionais da Amazônia de se apropriar do registro da narrativa e, por meio do *rádio*, *isso nos dá voz e ninguém distorce nossa fala*.

E é isto que tenho feito: usado o meio acadêmico para discutir o papel dos indígenas, quilombolas, gays, mulheres e negros como protagonistas. Uso os instrumentos de comunicação para construção e confecção de narrativas próprias. Este livro é mais uma forma de resguardar esses conhecimentos, esses saberes, que tem nos pajés, benzedores, puxadores e parteiras seus guardiões.

JAIME MOTA SANTOS

Estudante do curso de Direito e bolsista do projeto A Hora do Xibé (ProExt).

Sou quilombola do quilombo de Tiningu, situado no planalto santarenense, às margens do rio Maicá, a 47 km da área urbana de Santarém.

Desde a infância, era muito comum ouvir os “mais velhos” e até meus avós falarem sobre pajés, benzedeiros, curandeirismo, curupiras, boto, visagens, pessoas que foram encantadas etc. Essas histórias me levavam a imaginar um mundo fascinante, mas também causavam medo, pelo fato de serem contadas com muito realismo.

Com meu ingresso no projeto A Hora do Xibé pude me colocar como personagem nas histórias contadas através das leituras dos textos indicados na bibliografia, além de ouvir as pessoas no trabalho de campo contarem suas histórias. De modo que fez-me voltar no tempo e perceber o quão significativas eram as manifestações culturais vividas pelos meus avós, por pessoas do meu quilombo e de outras *comunidades*.

Por diversas vezes vi minha mãe levar meus irmãos, e eu mesmo também, quando crianças, para benzedeira rezar e tirar *vento caído*, mau-olhado, quebranto e também para consertar de alguma *dismintidura*. Certa vez, mamãe contou que minha irmã mais velha, quando criança, ficou *dismintida* e um amigo da família, alcoolizado, pegou um filhote de camaleão e *lambou* nas costas dela. Segundo ela, minha irmã nunca mais se *dismintiu*. Foi um santo remédio.

As pesquisas, escutas e transcrições dos relatos de pessoas reais e de algumas que não estão mais entre nós me proporcionaram um grande aprendizado. É muito importante o registro de relatos e sua valorização para que a memória dos nossos antepassados não fique somente em nossa lembrança, e sim documentada. Como bem disse o saudoso Laurelino: “O dom que Deus me deu eu devo aproveitar com toda fé” (Pajé Laurelino, entrevistado em 1993).

Participar do projeto A Hora do Xibé me permite aprofundar meus conhecimentos e me faz ter um novo olhar em relação a esses seres e às questões culturais da nossa geração, não fugindo ou negando o dom que Deus nos deu.

SELMA LIRA CORRÊA

Estudante do curso de Economia e bolsista do projeto A Hora do Xibé.

Por circunstância do destino nasci na *comunidade* de Pedreira, região do rio Tapajós. Essa *comunidade* foi meu berço, pois com oito dias de vida fui levada por meus pais para a *comunidade* de Jaguarari, onde estão as raízes da minha família. Por lá fiquei até três ou quatro anos de idade, depois viemos morar em Santarém, onde estamos até hoje. Apesar de ter nascido em uma *comunidade* ribeirinha, tive pouco contato com as tradições e os costumes dos povos dessa região. Mas isso não me fez perder o laço com minha origem. À noite, no quintal de casa, sentávamos para

ouvir histórias contadas por meu pai. As histórias eram verdadeiras viagens, ora cheias de curiosidades ora cheias de medo. Falavam de *visagens*, *misuras*, curupira, boto e de costumes antigos vivenciados por meus pais. Cada conto trazia consigo uma lição de respeito com a natureza e com os *encantados*.

Ao ingressar no projeto A Hora do Xibé, tive contato de forma mais direta com a linguagem, as crenças e os costumes característicos da nossa região amazônica. Foi um momento de muito aprendizado, pois conheci de perto coisas que, apesar de serem muito usadas no dia a dia das *comunidades* — e certamente fizeram parte da vida de meus pais e avós —, para mim eram novas. O projeto me proporcionou esse conhecimento, me aproximou das *comunidades*, das histórias, dos contos e da cultura do nosso povo.

A experiência de participar desta publicação é muito gratificante, principalmente pelo assunto que desenvolvemos. As leituras sobre pajelança ajudaram a compreender a dimensão do tema, a exemplo de Maués (1995), que mostra a pajelança como um conjunto de crenças e práticas muito difundidas na Amazônia, tendo sua origem nos grupos tupis e hoje se integrando ao sistema de relações sociais.

Nas *comunidades* ribeirinhas e nas aldeias sempre existiram pessoas que receberam o *dom* especial pra exercer a cura tradicional, seja através de *benção*, *puxação*, xaropes, banhos e garrafadas. Ao longo desses três anos de atuação no projeto A Hora do Xibé, visitei várias aldeias e

comunidade ribeirinhas (nos rios Tapajós e Arapiuns), e percebi que as pessoas têm respeito e confiança pelo trabalho realizado pelos pajés e benzedores. Eles são considerados “os médicos da floresta”, e são muito procurados.

No processo de transcrição e escuta dos relatos que compõe este livro, algo chamou minha atenção em particular: o relato do seu Laurelino. Cresci ouvindo muitas histórias sobre ele, e ouço até hoje. Muitos da minha família passaram pelas mãos dele. Quando nasci, minha mãe ficou muito doente e quase morreu. Meu pai conta que abaixo de Deus, foi seu Laurelino que a curou. Então, ter a oportunidade de conhecer e transcrever a história dele foi algo muito gratificante. Foi uma forma de retribuir os cuidados que ele teve com minha mãe e com tantas outras pessoas. Por meio deste livro, muitas outras pessoas vão poder conhecer sua bela e cativante história.

Segundo Maués (1995), os médicos não têm como curar muitas doenças que só podem ser tratadas pelos pajés e benzedores. Seu Laurelino colocou seu dom a serviço dos que precisavam, de forma honesta e prudente. Ele mesmo disse: “Trabalhe com fé, trabalhe com carinho com seu próximo, mas não trabalhe com ganância e nem fanatismo.” Isso é uma lição de vida e deve ser valorizado. Precisamos dar os merecidos créditos aos homens e mulheres que nasceram ou receberam um dom especial, e que têm por missão ajudar a salvar vidas e praticar o bem.

